JORNAL DE 2ª FEIRA



ARQUIVAR

RESPIRE JUNDIAÍ ANTES QUE ACABE.

AH MABS

(PÁGINAS 8,9 e 10)

Decida: gastamos um milhão ou derrubamos a Ponte Torta? (Página 11)

King Kong está chegando a Jundiaí. (Página 13)

Irregularidade na merenda escolar. Hein? Alguém ouviu mal.... (Página 16)



ANÁLISE

AS GRANDES EMPREITADAS

As grandes obras públicas executadas e em execução no país têm merecido inúmeras críticas, que abrangem não só os aspectos de sua oportunidade e seu planejamento, mas também a forma de execução e, principalmente seus custos. Tais dúvidas foram levantadas no caso da Transamazônica, da Perimetral Norte, da ponte Rio-Niterói. Agora, é a Ferrovia do Aço que está na berlinda.

A construção da Ferrovia do Aço teve início, com muito alarde, em meados de 1975. Os serviços iniciais, de terraplenagem e de abertura de túneis, foram entregues a um grupo de grandes empreiteiras, entre elas a Construtora Andrade Gutierrez (que também participou das obras citadas acima - Transamazônica, Perimetral Norte, ponte Rio-Niterói). Os trabalhos foram tocados em ritmo intenso, consumindo verbas vultosíssimas. Os custos logo ultrapassaram, de muito, as previsões iniciais. Escasseando-se os recursos disponíveis, a solução foi buscar financiamento externo. Por ocasião da visita do presidente Geisel à Inglaterra, foi acertado com os bancos ingleses um empréstimo para a Ferrovia do Aço. Na concretização dessa operação, houve o protesto generalizado da indústria nacional de bens de capital, que se via prejudicada com a condição imposta pelos ingleses, de fornecimento de equipamentos que poderiam ser obtidos aqui. Tal importação, que em condições normais não seria permitida, foi expressamente autorizada por decreto da Presidência da República. Na época, falou-se da necessidade de receber com urgência as parcelas em dinheiro dos financiamentos contratados, para acertar pagamentos atrasados com os empreiteiros. Depois disso, as obras da Ferrovia do Aço foram praticamente desativadas.

Outra obra de vulto que também já mereceu muito comentário foi a Via Norte. Na época da sua licitação, a Associação Paulista de Empreiteiros de obras Públicas veio a público com sérias denúncias de que a concorrência era dirigida para 5 grandes construtoras (entre elas a Andrade Gutierrez). Segundo o presidente da Associação, o orçamento básico elaborado pela Dersa era excessivamente elevado, o que levaria a um empate forçado entre os concorrentes, já que ninguém poderia apresentar proposta com valor inferior em mais do que 10% daquele orçamento básico. Com isso, os serviços poderiam ser entregues às firmas pré - escolhidas, e a preços altamente vantajosos para elas. Dito e feito: realizada a concorrência, ganharam exatamente as firmas que todo o mundo dizia, antes, que iriam ganhar.

Este artifício de empate forçado na licitação é bem conhecido de nós, jundiaienses. Na concorrência do Sistema Viário da cidade, preparada no final de 1973 pela firma Sotaffe, o orçamento básico foi também exageradamente alto, provocando o empate no valor global das propostas. Os serviços foram dados à Construtora Andrade Gutierrez, apesar de suas condições serem as mais desvantajosas para o município. Até argumentos falsos serviram para a comissão julgadora fundamentar sua decisão. Os resultados estão aí, à vista de todos: as obras custaram o dobro do que teriam custado se tivessem sido feitas pela firma que apresentou a melhor proposta. E mais baratas ficariam ainda, com certeza, se desde o início da concorrência tivesse havido, realmente, a preocupação em defender o interesse público.

O caso escabroso do Sistema Viário de Jundiaí nos deixa profundamente alarmados. O imenso poder e a enorme influência da empreiteira privilegiada ficaram bem demonstrados no episódio dos empréstimos ao município. Altos órgãos do governo federal, bancada arenista do Senado, presidentes de grandes bancos oficiais, movimentaram-se pressurosamente para trazer a Jundiaí os recursos necessários para atender ao faturamento milionário da Gutierrez. Sem se importar com a carga intolerável de dívidas que viria sufocar o município.

Diante desse quadro melancólico, são de assustar as notícias referentes a novas e gigantescas obras públicas que vão surgindo. É o caso de Itaipu, que está sendo construída por um consórcio de empresas, entre elas a sempre presente Gutierrez. Já se aplicaram lá um bilhão de dólares, e agora estão se abrindo mais serviços no montante de US$ 1,3 bilhões. É o caso também da Hidroelétrica da Emborcação, cuja construção a CEMIG acaba de contratar com a Gutierrez, e que está orçada em Cr$ 8,9 bilhões. É o caso dos trabalhos de lavra da primeira mina de urânio do Brasil, em Poços de Caldas, que a Gutierrez vai executar para a Nuclebrás, e onde estão previstas escavações com a remoção de 78 milhões de metros cúbicos de material.

Como estarão sendo feitos esses serviços todos? Se valer o triste exemplo de Jundiaí, só resta exclamar: Pobre erário nacional!

Equipe J 2a.

ASSUNTOS MUNICIPAIS

OS DESÂNIMOS DO TRÂNSITO

Uma setuagenária foi assassinada em plena rua Vigário João José Rodrigues.

Não importa saber o seu nome assim como é menos relevante indigitar a identidade do seu algoz.

O que interessa é o fato, que vem ainda uma vez mais, provar à sociedade a total ausência de guardas de trânsito nos pontos da cidade onde a vigilância policial se faz mais requerida.

A rua Vigário, desde que foi asfaltada, faz quatro meses, constituiu-se numa via expressa em pleno coração da cidade.

Os automóveis, aos deixarem a Praça Domingos Anastácio, desenvolvem uma velocidade sempre calculada em 60 e mais quilômetros horários, o que implica numa ameaça constante aos pedestres seus usuários.

A vítima de que tratamos neste comentário, segundo declarações prestadas à polícia, teria saído desastradamente por detrás de um veículo ao qual deu passagem para ser inapelavelmente atingida por outro que seguia praticamente colado.

Como já estamos acostumados a ouvir, esse é o jargão justificativo de todos os atropelamentos. Ninguém diz que por força do excesso de velocidade não foi possível freiar o veículo no momento psicológico.

A culpa é sempre de quem atravessou a rua, como se fosse proibido fazê-lo. Em que pese a inversão da ordem preferencial, o motorista é o dono da via pública. Não entra na sua cogitação se o "imprudente" é um velho ou uma criança; se é um deficiente de audição ou de ótica; se suas pernas ou seu próprio estado geral lhe permitem uma percepção absoluta sobre o perigo iminente.

A ocorrência em apreço não nos surpreendeu como não terá causado perplexidade a quantos por ali transitam diariamente.

Ou corre ou morre, eis o dilema.

Clamar contra a péssima educação dos cinesíforos é pregar no deserto. Daí não se pode pretender corrigir o comportamento dos cujos por via educacional. Nesse caso, entra o Serviço de Trânsito como poder repressivo.

Este, entretanto, é um grande ausente, salvo nos locais de estacionamento congestionado tais como as praças no perímetro central.

Sem discutir a validade dessa presença, entendemos que o que se deve acautelar prioritariamente é a integridade física dos passantes e isso só se consegue vigiando com mais rigor ruas transformadas em pistas de corrida, como acontece com a Vigário João José Rodrigues.

O semáforo que existia ali foi retirado, dir-se-á que para que os insensatos pudessem correr mais.

Que é que faz a chamada "Comutran" face a problemas dessa natureza? Os guardas, em mutirão, continuarão faturando multas no largo da matriz, enquanto ruas despoliciadas cumprem o seu destino macabro fabricando cadáveres por aí? e o que ainda é mais grave, estimulando uma tara de assassinos potenciais?

Respondam-nos os responsáveis pelo Serviço de Trânsito na cidade.

Élcio Vargas

PAPO FURADO

DINHEIROS DE SACRISTÃO...

Cantando vem, chorando vão. . .

Aquele pessoal do meu tempo era batuta em tiradas filosóficas. Quando os fofoqueiros da rua anunciavam novidades, sempre aparecia um gozador que galhofasse o acontecimento. Assim, tal e qual, foi o sucedido com certo "fac-totum" que abiscoitou os cobres do santo e acabou tendo que devolvê-los por se deixar pilhar no flagra. Daí - é o que dizem - nasceu a frase que vem encimando este papo furado.

Embora nada tenha a ver uma coisa com outra, filtrando o zum-zum que vai viajando de boca em boca, linguei-me ao passado dada a verossimilhança existente entre a dita frase e o "peixe" que me segredaram: — "Os trambiqueiros vão ter que vomitar tudo o que comeram pelos restaurantes. Notas frias são sonegação. E sonegação dá truta, e etcetera e tal". Foi isso o que me contaram. Que chegou a vez da mordomia.

E o chinfrin corre por toda parte como prato do dia no epicurismo dos novidadeiros. O resultado é que quando vier a rebordosa já não traz mais sensação. Vai estar carne de vaca.

Saltando de pato a ganso - tempo bom era aquele, do quadriênio que deixou tanta saudade. Bastava a gente ser amigo do Pereira, do assessor de imprensa ou do homem de peninha no chapéu, para botar a barriga à tripa forra! Que gostosura! Comer, beber, fumar do bom e do melhor; depois deixar que um deles botasse o jamegão no "pague-se". Engarupar, em seguida, num chapa branca e deslizar pelo Córrego do Mato para as delícias de uma boa disgestão, mandando às urtigas a recomendação racionalizante, já que, assim como as comidas, quem pagava a gasoza era a velha Petronilha.

Agora, o que não se entende é porque hão de querer ligar o ventilador na esterqueira, quando a vaca foi pro brejo e se atolou até os chifres. Cada manchete que a gente vê, e lê, fica boquiaberto e lembra dos impostos para dizer como o italiano, "poveri ei mi soldi"

Mas, que diabo, o que comeram, comeram. Não acredito que possam vomitar. Será que os antecessores resistiram ao suplício de Tântalo? Não tinham estômago, porventura? Será que eram todos jejunos? Sei não.

Seja lá como for, as tais comissões de inquérito precisam de acabar com essa obcessão perseguidora. Afinal de contas, que vantagem Maria leva se não puder aplicar alguns trambiques. Uma eleição não se ganha sem tutu. E os amigos hão que ser tratados com a consideração que se devota aos amigos.

O sadismo da rua, porém, não cessa o estribilho de que dinheiros de sacristão, cantando vem, chorando vão. V/2.

COLAGEM

"Eu estou fu. . . Não sei o que sou eu, o que são características minhas e o que são coisas das pessoas com quem eu convivo. Não sei quais as atitudes que eu tomo e quais as atitudes que a mistura das pessoas com quem convivo e o que existe em mim toma. Tenho necessidade de ver tudo, saber de tudo, viver tudo. Voar no mais alto dos mais altos dos meus sonhos de voar. E o meu mais alto sonho é me conhecer. Me definir. Só aí é que eu vou poder falar".

"Volver a los 17/ después de vivir um siglo/ és como decifrar signos/ sin ser sabio competente/ volver a ser de repente/ tan fragil como un segundo/ volver a sentir profundo/ como um niño frente a Dios/ eso es lo que siento yo/ en este instante fecundo".

"Mas não, a testa lisa de menina não se altera, no começo é só a voz que vai deixando cair pedaços de pessoa, compondo uma primeira aproximação de Lina: chilena, por exemplo, e um tema cantarolado de Archie Shepp, as unhas um pouco roídas mas muito limpas contra uma roupa suja de carona e dormir em granjas ou albergues da juventude. A juventude, Lina ri sorvendo a sopa como uma ursinha, decerto você não imagina: fósseis, repara, cadáveres vagueando como naquele filme de terror de Romero".

"Eu preciso de você prá me conhecer".

"Se va enredando, enredando/ como en el muro la hiedra/ y va brotando, brotando/ como el musguito en la piedra/ como el musguito em la piedra/ ay, si si si . . .

"Marcelo está quase perguntando que Romero, primeira notícia do tal Romero, mas é melhor deixá-la falar, diverte-o assistir àquela felicidade de comida quente, como antes seu contentamento no quarto com chaminé esperando crepitante, a borbulha burguesa protetora de uma carteira de dinheiro de viajante sem problemas, a chuva batento lá fora contra a borbulha como aquela tarde no rosto branquíssimo de Lina à beira da estrada na saída do bosque ao crepúsculo, que lugar para pedir carona e no entanto já, mais um pouco de sopa ursinha, coma que você precisa se salvar de uma angina, o cabelo ainda único mas a chaminé já crepitante esperando lá no quarto com a grande cama Habsburgo, de espelhos até o chão com mesinhas e cairéis e cortinas e por que foi que você estava ali debaixo d'água me diz só, tua mãe teria te dada umas palmadas".

"Eu tenho medo que você me conheça e não me queira. Eu não te falo sobre o que eu faço, somente das coisas gerais que eu faço. Só o que eu acho que você vai gostar. E me justifico achando que no momento em que estou falando é aquilo que eu estou falando que realmente é importante para mim".

"Lo que puede el sentimiento/ no lo ha podido el saber/ ni el mas claro proceder/ ni el mas ancho pensamiento/ todo lo cambia al momento/ cual mago condescediente/ nos aleja dulcemente/ de rencores y violencias/ solo el amor con su ciencia/ nos vuelve tan inocentes".

"E me justifico dizendo que não sei quem eu sou. B...!"

"Mas depois vendo-a tirar da mochila o outro par de blue-jeans, o pulôver preto, de costas para ele conversando que lareira, rescende, fogo perfumado, procurando aspirinas no fundo da mala entre vitaminas e desodorantes e after-shave e até onde você pensa chegar, não sei, tenho uma carta para uns hippies de Copenhague, uns desenhos que Cecília me deu em Santiago, me disse que são sujeitos formidáveis, o biombo de fazenda e Lina dependurando a roupa molhada, virando indescritível a mochila em cima da mesa francisco-josé dourada e arabescos James Baldwin kleenex botões óculos escuros caixas de papelão Pablo Neruda embrulhinhos higiênicos mapa da Alemanha. . .".

"É aquela história de não estar traindo porque não é traição, mas estar traindo porque pensa que é traição".

"Naquele dia você me forjou, fez uma espada. Quando eu sai do fundo da cisterna fiquei tão acordada no escuro que enxergava tudo, feito uma coruja, chorei de raiva por não ter perguntado mais a você. Não se chega nunca? Não se pára em algum lugar, para fazer casa e filho? Mas vi logo que minha raiva de perguntadeira era um pretexto. O que eu queria era ver você de novo, ter você na cama comigo. Aço teu, bainha eu".

"Se va enredando, enredando/ como en el muro la hiedra/ y va brotando, brotando, como el musguito en la piedra".

"E dois pedaços fininhos de gruyère, por quê é que você não come, Marcelo, é ótimo, você não come nada, tolo, todo um senhor, porque você é um senhor, não? e ali fumando mando mando mando sem comer nada, escuta, e mais um pouquinho de vinho, você quereria, não? porque com este queijo imagina, é preciso dar-lhe uma descidinha de nada, anda, come um pouco: mais pão, é incrível o que eu como de pão, sempre me vaticinaram gordura, o que você está ouvindo, é verdade que já tenho barriguinha, não parece mas tenho, juro, Shepp".

"El amor es torbellino/ de pureza original/ hasta el feroz animal/ susurra su dulce trino/ detiene a los peregrinos/ libera a los prisioneros/ el amor con sus esmeros/ al viejo lo vuelve niño/ y al malo solo el cariño/ lo vuelve puro e sincero".

"Amália: a tarefa da revolução é abolir todos os gemidos que não sejam gemidos de amor: ponto, punto, punkt. (. . .) Portanto, pelo avesso, é aniquilar a mais descarada das paixões pequeno-burguesas, o ciúme, instinto de propriedade entranhado, como um percevejo, nos colchões do mundo: punctum".

"E o fogo, as vermelhas salamandras fugidias e a cama aberta branquíssima enorme e as cortinas sufocando as janelas, aí que ótimo, que bom, Marcelo, como vamos dormir, espera pelo menos que eu te mostre o disco, tem uma capa linda, eles vão gostar, está aqui no fundo com as cartas e os planos, não o perdi, Shepp".

"Você tá me ensinando a pensar nas coisas. Só que eu não sou boa alma. Nem aplicada. E quero dar uma pinta de que sou. Só que eu gosto de você".

"Tese: nós dois. Antítese: eu e Juliana. Síntese: nós três. Por você que eu sustento, em princípio, e pelos nossos filhos, os quais teremos, lutarei até na estiva. Por Juliana entrarei em justas e torneios e, armado cavaleiro, partirei em cruzada para libertar o santo sepulcro de Marx, em Highgate".

"Eu gosto da tua aula. Eu quero aprender. E de vez em quando me vem uma lucidez. . .".

"Como el musguito en la piedra/ ay, si si si".

Erazê Martinho

COISA & TAL

Sérgio Rondino

ANOTE AÍ

BOI NA LINHA

A preços de hoje, terminar a Ferrovia do Aço custaria mais 30 bilhões de cruzeiros, além dos 3,5 bilhões gastos até agora. Portanto, seriam 33,5 bilhões, mais do triplo do valor previsto em 1975 (9,4 bilhões), quando foi assinado o contrato de construção.

A informação é do próprio vice-presidente da Rede Ferroviária Federal, Mauro Knudsen.

DIVÓRCIO

Depois da vitória parcial da semana passada, o projeto divorcista do senador Nelson Carneiro volta a ser discutido e votado esta semana pelo Congresso Nacional.

Ante a indignação de um deputado antidivorcista, durante a primeira votação, um outro comentou:

"Uai, não sei por que ele está tão bravo. Já faz muito tempo que o governo anda divorciado da Nação, e ele nunca reclamou".

ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO

"Não sou, como querem, um comunista. Mas, como democrata, espero que os comunistas, tanto quanto os macartistas que aí estão, possam participar da vida institucional. Pois idéias combatem-se com idéias".

(Do ex-deputado Marcos Tito, em uma nota divulgada na semana passada, logo após receber a notícia de sua cassação. Tito foi eleito pelo MDB mineiro com 62 mil votos.)

JÂNIO E SUAS MULATAS

O ex-presidente Jânio Quadros está lançando um novo dicionário de Português. Ao mesmo tempo, expõe em uma galeria de São Paulo quadros da segunda fase de sua pintura: mulatas. Cada quadro custa Cr$ 19.900,00. No que ele chama sua primeira fase, só pintava crianças.

Espera-se que o dicionário seja melhor do que a pintura.

TEMPO QUENTE

A meteorologia política prevê tempo quente no plenário da Câmara dos Deputados, nesta próxima quarta-feira: lá estará o ministro do Planejamento, Reis Veloso, para falar sobre "a política econômico-financeira do governo, com ênfase na participação do BNDE no desenvolvimento nacional".

Como Veloso será interpelado por cinco deputados de cada partido, pode-se apostar nisso: ele vai passar a maior parte do tempo explicando a gigantesca injeção de dinheiro público na Lutfalla, no grupo EUB e nas dezenas de financeiras sob intervenção.

NADA DE APARTES

Uma do vereador Duílio Buzanelli, da Arena.

Subiu à tribuna para fazer "importante discurso" e, antes de iniciá-lo, sem que se conhecesse sequer o assunto de que trataria, dirigiu ao plenário esta estranha advertência:

— Não darei apartes durante o discurso. Quem quiser me apartear que o faça agora.

QUEM DIRIA?

O Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, Afrânio de Oliveira, é filiado — quem diria? — ao MDB. Aliás, é filiado desde 1965, sob o número 656. Ele nem mesmo passou para a Arena depois disso, conforme se soube na semana passada: consultado o arquivo da própria Arena, não foi encontrado nenhum número de filiação de Afrânio.

Ele poderia, talvez, ter se filiado a qualquer diretório distrital da Arena em São Paulo, nos últimos tempos. Mas disso não há notícia.

ASSINE
O JORNAL DE 2ª
disque: 434-8648

PALAVRAS

"Quando aquela bomba de parede estourou aos pés do colunista, ele viu exatamente naquele instante e isso o fez tranquilamente, a figura de Rosalynn Carter, exatamente viajando pelo mundo, levando a pomba da paz, pregando os direitos humanos, como numa oração ao mundo. Belo exemplo de mulher". (Guilherme Enfeldt, Jornal de Jundaí, 9/6)

"A primeira condição para que haja respeito aos Direitos Humanos em um país é que seu povo não precise viver com medo de medidas repressivas de seus próprios governos". (Terence Todman, subsecretário norte-americano para Assuntos Interamericanos).

"Se a cidade pudesse conscientizar-se de que já não é mais uma vila, que é um organismo complexo em franco processo de desenvolvimento, caminhando para ser uma metrópole de 300 mil habitantes dentro de pouquíssimo tempo, saberia reconhecer o quanto vale a crítica. O quanto valem os maus bofes de um jornal que se atribuiu — não por falta de modéstia, mas por falta de vozes mais atuantes — o papel de fiscalizar e de vigiar. Se não houver ninguém disposto a zangar-se pela comunidade, Jundiaí nunca deixará de ser uma freguesia. E nem merecerá". (Sandro Vaia, Jornal de 2a. Feira, 13 a 19/6).

"Ao divulgar a agitação, o jornal não faz agitação. Ele, ao contrário, mobiliza as vontades que valorizam a ordem. Ao divulgar a corrupção, ainda que avançando juízos, ele faz recuar os poderosos, que assim encontram dificuldade de se corrigirem, quando não for o caso de serem chamados à responsabilidade pública". (Editorial da Folha de São Paulo, 9/6).

"Tudo o que acontece em seu país é tão importante para nós que deveria ser permitido que votássemos em suas eleições". (Do chefe da assessoria econômica do Ministério da Fazenda, Ari Pinto, a Rosalynn Carter).

"É, não deu certo, meu noivo queria passear nos fins de semana e eu queria ver os jogos do Coríntians. Na hora de escolher, não tive dúvida, escolhi o Coríntians". (Maria Madalena, a torcedora que levou rasteira de um policial, em Jaú).

"O cemitério vai se tornando, aos poucos, o único lugar em que as multidões de todas as idades e categorias sociais ainda podem expressar livremente seus sentimentos de brasilidade". (Senador Teotônio Vilela, da Arena).

"A anfuctionia vem em propugnáculo dos culaques, obregões, fâmulas, aulistas, belisários, buscando conglutinar e não abandar, apesar da sequista burocracia". (Tarcísio Germano de Lemos, líder do MDB na Câmara Municipal de Jundiaí).

PUFS

Carótida era amante do Conde Drácula.

Chulo foi um dançarino gaúcho cujos pés fediam muito.

Bufão morreu bobo de tanto assoprar o castelo do rei.

Ananás é um diabinho gago.

Carrilhão é uma enorme ferrovia que liga duas igrejas.

Baixelas são meninas-trombadinhas que utilizam arma branca.

Apocalipse é uma dança do outro mundo.

Adidas são mulheres diplomatas que usam tênis.

U.S.Top é o exército de libertação norte-americano.

Jerimum é um ratinho nordestino que come abóbora.

Cordel foi um francês que introduziu o tango no nordeste.

Gude é uma espécie de deus inglês, vidrado em bolinha.

Comparsa fazia tangos em parceria com gente da Máfia.

Alijar é esculpir estátuas sem pés nem mãos.

Polichinelo é uma centopéia que caminha muito macio.

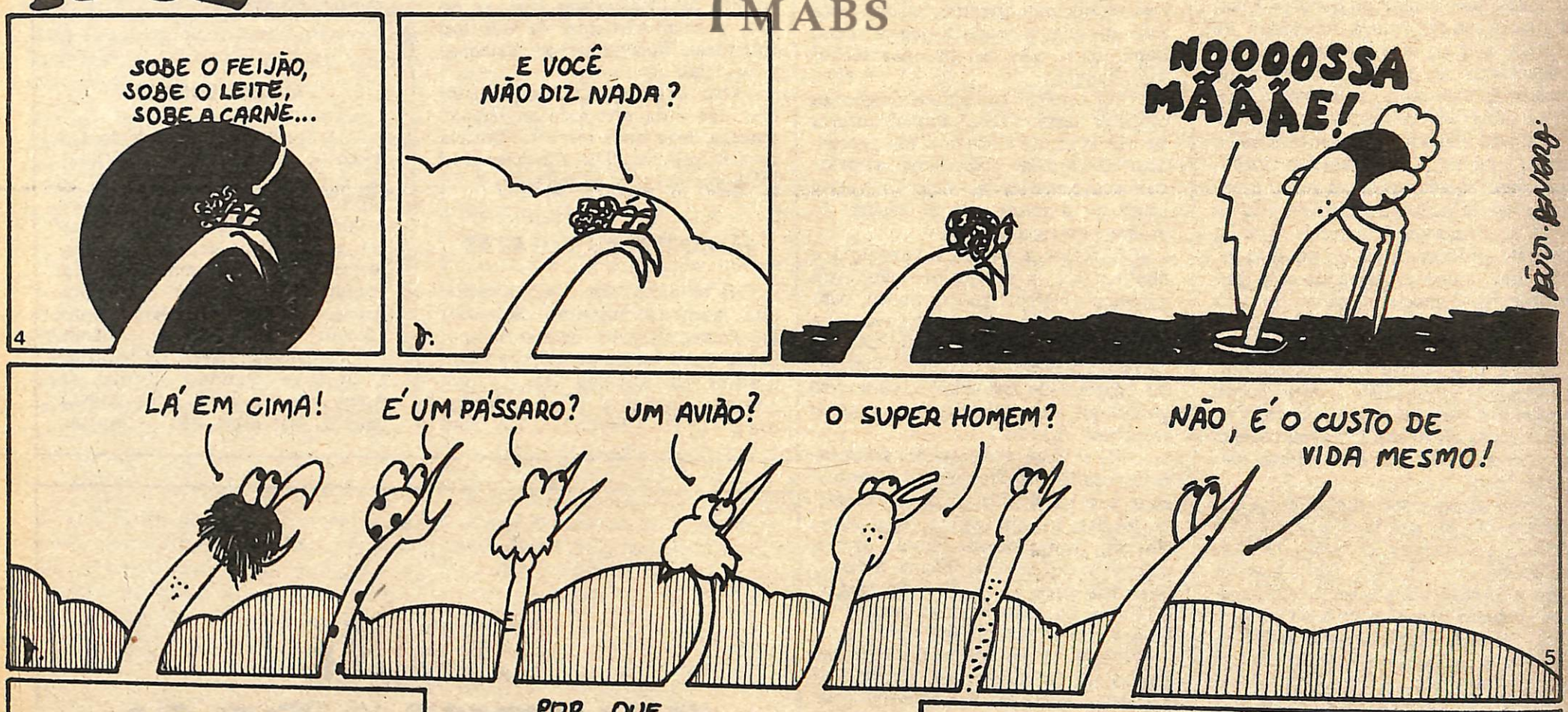
Coronárias são mulheres de ditadores esclerosados.

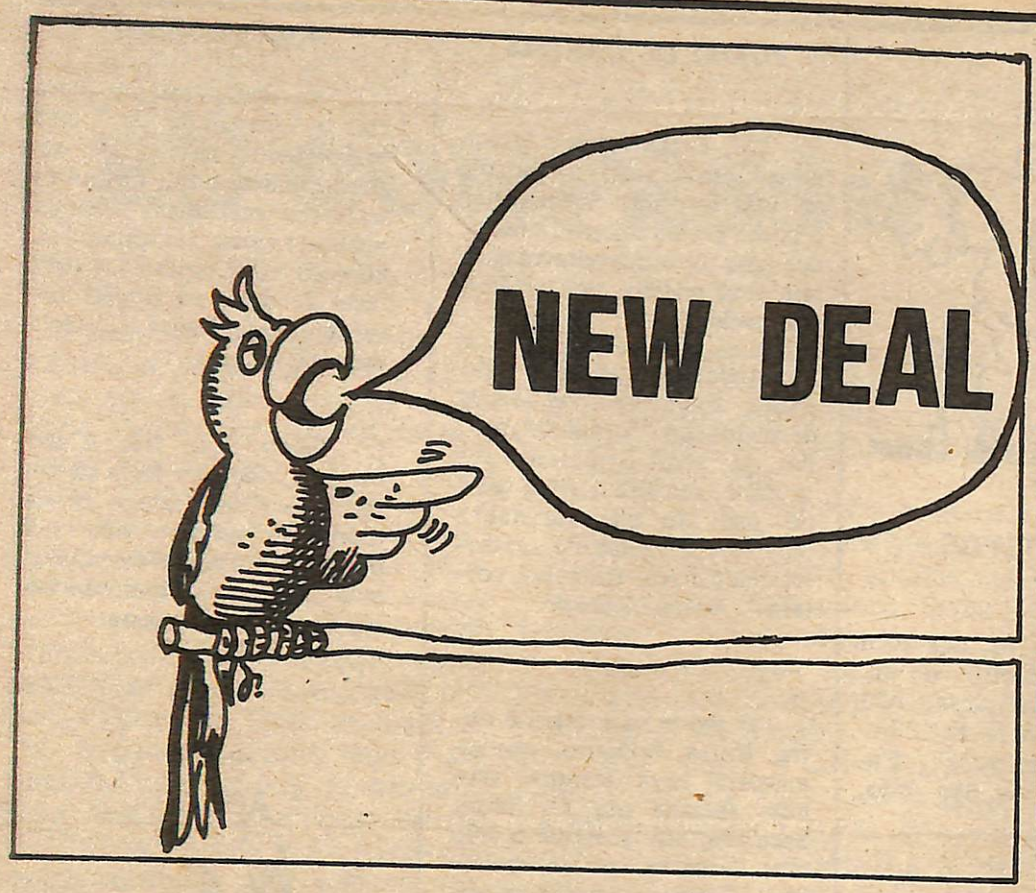
Minuta é um contrato que dura sessenta segundos.

Zarteu

TRUZ O AVESTRUZ

AH MABS





Os assessores são como os tecnocratas. Não têm princípios, têm empregos.

Por isso, não é de espantar nem um pouco que o Repórter encontrasse o seu velho amigo Assessor inteiramente mudado, mais composto, mais comedido nas suas palavras, sem aqueles rompantes de loquacidade que o tornavam, no mínimo, tão divertido.

Camaleonicamente, ele se adaptou ao novo estilo. Seu princípio de vida é um só: servir. Servir a quem quer que seja, quem quer que lhe pague o salário.

Se antes o queriam atirado, explosivo, verborrágico e dinâmico, ele agia como tal. Há uma virtude que não se lhe pode negar: é fiel como um dálmata.

Agora, parece que o estilo é outro. Pelo menos é o que se pode deduzir desse furtivo encontro que os velhos amigos, Repórter e Assessor, tiveram um dia destes, numa das ante-salas que ele habita com tanta desenvoltura.

O Repórter, em pleno exercício de sua missão profissional, não pode gastar o tempo em sutilezas e filigranas de comportamento social. Espantou-se um pouco ao ver o Assessor, seu velho amigo, sentado no mesmo posto, servindo de intérprete a tipos que até poucos meses atrás abjurava. Mas compreendeu as vicissitudes da vida profissional e passou por cima de seu espanto, para mostrar-se polidamente cordial:

– Olá, meu velho amigo Assessor! O senhor por aqui? Como vai aquele velho dinamismo? Quais são as novidades?

– Preclaro repórter, anote aí, por favor, que eu gosto de ver as minhas palavras reproduzidas fielmente tal como as pronunciei. Em primeiro lugar, devo dizer que me é profundamente grata a sua presença aqui em nosso modesto gabinete de trabalho. Acreditamos na Imprensa como quarto poder – Quarto Poder com maiúsculas, por favor – e pretendemos trabalhar com as portas abertas para prestar contas ao povo dos nossos atos em benefício da comunidade. Ponto.

– Portas abertas? Mas como o senhor está mudado, Assessor! O senhor não tem medo de apanhar um golpe de ar? (o Repórter ensaiou um sorriso sardônico, satisfeito com a distiladazinha do que lhe pareceu ironia). Mas vamos adiante, senhor Assessor. Eu estou aqui à procura de novidades, que outrora eram tão abundantes. O que temos feito? O que há para contar ao povo? Quais são as perspectivas, as idéias e os planos do seu dinâmico Administrador?

(O Assessor olha para os lados, examina as portas para certificar-se de que estão bem fechadas, faz um sinal com o indicador para o Repórter aproximar-se mais, e sussura-lhe aos ouvidos: "Por favor, senhor Repórter. Seja mais discreto. Não use palavras tão fortes. Novidades, idéias, planos, dinâmico. Tudo isso é trés dégoutant. E pelo amor de Deus: isso que estou lhe dizendo é em off. Se o senhor publicar qualquer coisa, eu desminto").

Um pouco desconcertado, o Repórter aprumou-se, meditou um pouco, criou coragem e interrogou:

– Mas publicar o quê, meu caro Assessor? O senhor não disse absolutamente nada.

– Mas um nada que eu diga, meu caro, às vezes pode ter a conotação de um tudo. Eu sei muito bem – é minha experiência que fala que o que vale na Imprensa são as entrelinhas. As entrelinhas é que contêm o veneno, o perigo. Entedeu? Por isso é que eu prefiro que o senhor anote minhas palavras.

– Está bem, meu caro Assessor. Entendi o que o senhor quis dizer. Estou aqui, caneta em punho, disposto a ouvir a anotar tudo fielmente. Pode começar.

– Mas começar o quê?

– A ditar.

– Ditar o quê?

– Como ditar o quê? De que estamos falando? Dos planos, das idéias, do que está sendo feito em benefício da comunidade!. Que está sendo feito?

– Bem, hã. . . (Pigarro) . . . Então anote aí: "À laboriosa comunidade que nos guindou, através de seu voto de confiança, à direção de seus destinos, os nossos mais sinceros agradecimentos. Ponto. Tudo faremos para...

O Repórter, um pouco irritado, interrompe:

– Mas Assessor, pelo amor de Deus, eu não quero declaração nenhuma, não quero palavras, quero fatos. O que está sendo planejado, o que está sendo feito. Fatos, meu caro, F - A - T - O - S!

– Não seja impertinente e não me interrompa, por favor. Continue escrevendo: Tudo faremos para.....

Sandro Vaia

I

Depois daquela cena grotesca em Jaú – o policial-militar perseguindo uma corintiana e derrubando-a com uma rasteira – a composição, tipicamente à corintiana: a ilustre representante dos "gaviões da fiel" foi madrinha de formatura do veloz soldado. Amai-vos uns aos outros...

II

De acordo com as informações fornecidas por Fawler de Melo, presidente da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), a situação do menor pode ser compreendida assim:

-- "Os censos e estatísticas não se preocupam em colher dados que permitam uma quantificação com respeito a menores abandonados e carentes, no Brasil. Explica-se o fato pela dificuldade em conceituar-se o que seja o gênero menor carente, bem como as suas espécies – o abandono, o de conduta anti-social e o infrator.

– "A declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959) alude à necessidades básicas do menor: saúde, educação, recreação, segurança social e segurança afetiva. O atendimento precário, deficiente, em tese, uma situação carencial, já que se entende que somente a criança atendida, adequada e concomitantemente, em todas aquelas necessidades, é que reunirá condições para crescer saudável, tanto física quanto mentalmente.

– "Partindo dessa premissa, a Funabem tem os seus critérios para dimensionar o número desses menores no Brasil. Os resultados são válidos como projeção operativa, isto é, para fornecer os contornos quantitativos do universo a ser atendido. Não se pode dizer que são dados exatos, mas se pode confiar em que exprimem uma sombra bem nítida e próxima da realidade, a qual, no campo social, está sempre em mutação e inclui numerosas variáveis em constante interação.

– "Em termos de carência, cruzando variáveis cuja quantificação decorre dos dados censitários conhecidos – especialmente com referência a composição etária e familiar, e força-de-trabalho e a distribuição de renda, a Funabem estima a população de menores carenciados no país, matematicamente, em 14.097.370. A grosso modo, poderíamos definir esses menores carentes como aqueles que, em razão de extrema pobreza material e sócio-cultural em que vivem suas famílias ou responsáveis, ou por falta dessa família ou responsável, não têm atendidas, em nível satisfatório, aquelas cinco necessidades básicas".

III

As últimas estimativas da Funabem, reunindo todos os registros de seus estabelecimentos próprios, compuseram um perfil das carências apresentadas pelos quase 100 mil menores de 0 a 18 anos que haviam passado por aqueles estabelecimentos, entre 1966 e 1974. A situação de abandono – falta absoluta de qualquer familiar ou responsável pelo menor – tangenciou 10% do total das situações apresentadas pelos 100 mil menores. Daí se deduzir que o menor abandonado representa cerca de 10% do conjunto de menores carentes. Logo, estima o presidente da Funabem, teríamos, no Brasil, perto de 1.400.000 menores abandonados.

Os menores infratores, segundo resultou desse mesmo trabalho, são 8% do total de carentes, o que, em termos nacionais, corresponde a 1.120.000, aproximadamente.

Esse dado relativo ao menor infrator deve ser tomado com muita reserva, porque o problema da delinquência concentra-se nas grandes regiões metropolitanas. Nas áreas rurais e nas pequenas cidades, o problema é de carências, não de delinquência. Como a população de menores adolescentes – que é a faixa etária em que se constata a delinquência – está apenas 50% nas grandes cidades, é certo que aquela estimativa de 1.120.000 infratores é bastante exagerada. Mas não há como precisar esse número. Talvez as estatísticas do Juizado de Menores forneçam ponto de referência mais adequado.

Mas, observa ainda o presidente da Funabem, mesmo se considerássemos essa circunstância (o que seria temerário e irreal), "a porcentagem de abandonados somada ao presumido índice de infratores alcançaria 18% do total de menores carentes, o que significa que o problema do menor é, no Brasil, de natureza sobretudo social, vinculado às condições precárias em que vive a parcela da população brasileira na faixa que o II PND chamou de "pobreza absoluta".

Se somos 110 milhões de brasileiros e se 53% desses 110 milhões são menores de 0 a 19 anos, temos que há 58.300.000 menores de 0 a 19 anos no Brasil, dos quais 14.000.000 são carentes. Logo, podemos dizer que cerca de 25% da população brasileira de menores de 0 a 19 anos são compostos de crianças e adolescentes desassistidos quanto à saúde, educação, recreação, segurança social e/ou afetiva, o que lhes impede um processo normal de maturação bio-psico-social.

IV

Penúltimo fim-de-semana em São Paulo: 8 assassinatos! O coronel Erasmo Dias secretário da Segurança Pública, mandou esta circular à cupula da Polícia:

– "Em que pese não depender essencialmente de uma eficiente ação policial a prevenção ou a repressão ao crime, cabe à polícia o seu combate, em cuja missão cada policial, qualquer que seja seu cargo, encargo, posto, graduação, carreira ou nível deve empenhar-se de corpo e alma.

– "A cada noticiário desse tipo que não deixa de representar a realidade, e diga-se, apenas uma parcela dela, a Polícia, como Instituição é posta no banco dos réus, sua imagem se empana e seu crédito se deteriora – enfim, o descrédito e a desconfiança tal como um câncer corroem a Instituição gerando outros tantos reflexos que recaem negativamente em cada um de nossos policiais, do subordinado ao chefe".

– "Até que ponto, cada um de nós tem contribuido para tal estado de coisas? Até que ponto cada policial sente em si próprio cada assassinato e cada assalto? Até que ponto uma dessas vidas ou um desses patrimônios poderiam ter sido salvos por uma ação mais eficiente de cada um de nós ou de todos nós? Estas e outras tantas perguntas diariamente nos atormentam, nos angustiam como écos de uma grande questão; até que ponto temos esgotado todos recursos humanos, patrimoniais e mesmo espirituais no cumprimento da missão? Esta pergunta deve ser feita a cada um de nós durante 24 horas por dia! Qual a sua resposta?".

Vi

As inquietações do secretário têm a sua razão de ser, principalmente com relação aos homicídios. Vivemos uma triste época em que se procura "justificar" os assassinatos e as violências. Os filhinhos de papai se acham no direito de matar prostitutas; procura-se justificar a violência do trânsito como causa de assassinatos. Matar é entretenimento na tevê. . . .

Percival de Souza

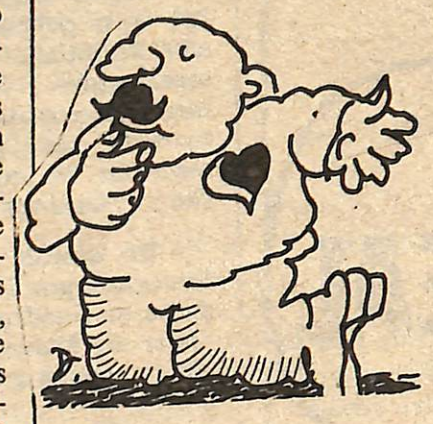


ZONA FRANCA

QUALÉ?

Na última terça-feira, li no J.C. o seguinte: "Comissário quer acabar com o 'Drive-in' do Forum". Trata-se do seguinte: um tal de sr. Naranjo, comissário de menores usando de suas atribuições e de sua "otoridade", pretende **cortar** a dos rapazes e meninas que costumam abraçar e beijar em uma praça da cidade. Ora, sr. redator, fala-se que estão tentando por fim nisto em nome da moral e dos bons costumes, quer dizer se vou ao jardim dou um abraço e um beijo em minha namorada, estou atentando contra a moral e aos bons costumes? Será que não é a mente suja de quem está fazendo esta denúncia, que vê em carícias inocentes, gestos atentatórios à moral? Se rapazes e moças não puderem se abraçar e se beijar numa praça, gostaria de saber aonde é permitido que eles o façam. Será que deverão correr o risco de serem assaltados, seviciados, estuprados em lugares mais ermos, só pelo fato de sentir vontade de amar? Acho que na praça também há lugar para namorados, e que abraçar e beijar nunca, jamais e em tempo algum foram gestos atentatórios à moral e aos bons costumes, pelo contrário, são gestos de amor e não é um comissário proviciano e uma dona Marocas que não tem o que fazer, vão impedir que os jovens se amem. Vamos repudiar os falsos moralistas, que não sabem discernir entre um beijo de amor e um desfalque num hospital. **Ricardo Kroiss**

Taí, viram no que dá um caro de mente poluída ficar querendo cortar a dos nossos jovens? Levou uma merecida bronca. Para seu consolo, Ricardo, o Ivan Lessa escreveu no Pasquim há uns dois anos batizando um estabelecimento de "Porrada's Bar". Pois bem, ele foi considerado atentatório à moral e aos bons costumes, com um devido processo que não o deixa em paz. Tanto lá como cá . . .



NÓS, POETAS

"Cada um de nós tem uma poesia dentro de si.

Você saberá que eu não sou exceção, dia 18 às 22 horas. Conto com você". **Romão de Souza, Av. São João, 515.**

Não deu pra gente ir, Ramon, mas soubemos que a reunião foi um sucesso. "A poesia é necessária", dizem até os tecnocratas.

PUXÃO DE ORELHA

"Sr. É claro que o leitor desse jornal sério é pessoa de boa formação intelectual e pode, perfeitamente, entender uma ou outra palavra que saia sem revisão, nos artigos publicados.

Acontece que têm sido muito frequentes os erros de revisão do "Jornal de 2a.". Por que será? Sendo um semanário, acredito que há tempo mais do que suficiente para que a equipe de revisores cuide do seu trabalho, correto?" **Ademar J. Segal.**

A teoria na prática é outra, Mamá. Primeiro, um semanário nem sempre tem uma semana pra ser feito. Segundo, este semanário não tem "uma equipe de revisores". Terceiro, você tem razão, o jornaleco anda meio sem revisão, mesmo.

Mas a gente vai ver se mehlora.

ANIVERSÁRIO?

"Sr. Pelas minhas contas, o "Jornal de 2a." está completando hoje o seu segundo aniversário. Como os senhores costumam festejar qualquer coisa (edição-extra, número 100) espero ver uma festa de cores na edição desta semana". **Alzira O. Benvenutti.**

Errou, Zizi. Não é aniversário, não tem festa de cores e pra ser franco, quase que este número não sai: o pessoal foi a uma festa, abusou um pouquinho e não havia Engov que chegasse.



FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436-4880



XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO

CONHEÇA O BRASIL.



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm., garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep.p/ empregada, quintal. Cr$ 700mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16)

JARDIM CICA - jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800mil, facilitada e pode ser fianciada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326)

PARQUE DO COLÉGIO - nova, com 3 dormitórios, 1 suite, carpetados, todos com armário, sala grande,copa cozinha, lavanderia, dependência para empregada, abrigo, jardim, quintal,com todos os melhoramentos públicos. Cr$ 900 mil- OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

VILA LIBERDADE- 3 dorm., suite, banheiro social, sala g grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900mil,pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasião - fina residência estilo suiço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependencia para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12 x 25.
Cr$ 1.300.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

ANHANGABAÚ - Residencia nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependencia para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr$ - 1.200.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

J ARDIM MORUMBI- Residencia nova, em fino acabamento, com 3 dormitórios com armário, 1 suite, banheiro social, sala grande com 2 ambientes, jardim de inverno, cozinha, lavabo. Abrigo para 2 carros, jardim, lavanderia, dependência para empregada, quintal. Preço - Cr$ 1.300.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

SÍTIOS E CHÁCARAS

IVOTURUCAIA -54.000 m, plana, toda formada à 9 km do centro , casa sede, casa para caseiro, luz, pomar grande produzindo, água corrente, poço, 2 bosques grandes naturais, ótima topografia. Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.
Próximo a várias propriedades. Cr$ 15,00 o m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, grande pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes, 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço Cr$ 4.500.000,00 a combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm.,arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro, jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí.Cr$ 1.500.000,00, facilitada.OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS9961)

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311

EU CONFESSO!

Diversas pessoas vieram me avisar: o ex-prefeito Ibis Cruz anda por aí com recortes de artigos meus neste jornal, procurando enquadrá-los na Lei de Segurança Nacional. Esse tipo de intimidação não é novo.Desde que surgiu este jornal, há dois anos, denunciando os absurdos que se cometiam na administração municipal, os atingidos procuram fazer calar, de qualquer forma, a voz que tanto os incomoda. E o recurso mais fácil e em moda é chamar-nos de subversivos. No entanto, a nossa principal bandeira tem sido combater exatamente a pior das subversões: a dos costumes e da moral.

Pois eu quero hoje facilitar a tarefa desses nossos adversários, definindo mais uma vez, com clareza, a nossa posição. Sem necessidade de ameaças, de intimações, ou de processos, **eu confesso**!

Confesso, em primeiro lugar, que sou visceralmente contra o comunismo, por considerar tal regime a mais acabada das ditaduras. E, em termos políticos, coloco acima de tudo a liberdade dos homens e o absoluto respeito aos demais direitos humanos.

Pela mesma razão, confesso que sou contra as ditaduras de direita. Tenho especial ojeriza pelas ditaduras militares, onde os requisitos para o exercício do supremo poder são apenas as patentes obtidas em carreira específica, ligada a comando de tropas e a segurança nacional. Sou um democrata convicto. Acho que o homem público deve ser formado num processo natural de seleção e desenvolvimento, com ampla participação de todas as forças da nação. Só considero válidas as lideranças forjadas na vida econômica, política e social do país e legitimadas pela sanção popular.

Sou contra os regimes de exceção, com todas as mazelas que eles sempre encobrem: abusos, arbitrariedades, desmandos, favoritismos, corrupção.Sou contra a repressão do anseio de participar, sou contra a polícia usada para sufocar a insatisfação.

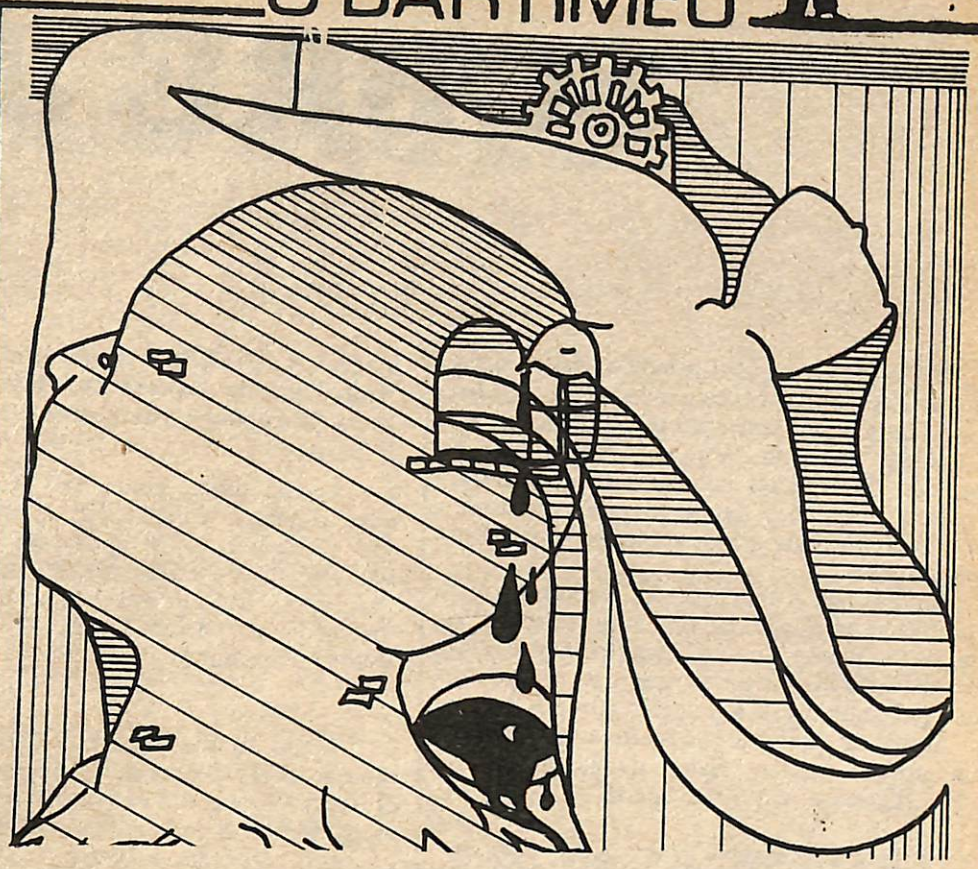
Sou contra o uso imoral do cargo público. Para mim, a coisa pública deve ser tratada com respeito místico. Os safados e os corruptos me causam ódio e nojo. Ódio e nojo que atingem os limites do paroxismo quando vejo as condições em que vivem as populações mais desfavorecidas e me lembro que são eles, os mais miseráveis, que estão sendo roubados quando o dinheiro público é mal empregado. Não eu, nem meus amigos, que dispomos de todos os serviços públicos, mas os mais humildes, para quem uma migalha apenas das fortunas desviadas pelos safados e pelos corruptos poderia significar a diferença entre vida de bicho ou vida de gente. Confesso que esse meu ódio e nojo é tanto maior quanto mais importante ou mais poderoso for o safado ou o corrupto, pois mais profundos e abrangentes são os males que causam.

Confesso, finalmente, que não abdico do direito de externar minha opinião, assim como quero vê-lo garantido para todos. Posso ser forçado a me calar, mas continuarão sendo estes os princípios e os valores que admito e que respeito.

Francisco de Assis Oliva

ASSINE
O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648



ADEUS, AMIGO.

E era velório; pr'as bandas do norte velhinhos tranquilos espreitam a morte. No morto amarelo a manchinha na testa; no jovem fortudo sorriso encantado. ambiente de festa? Seria homenagem da moça empeitada de amostra seu busto? Garoa lá fora; enterro de um justo. Na funda gaveta de achados-perdidos achei dele os versos no fundo escondidos.

ZÉ CALUETE

Meu fío, Zé Caluete,
Assenta no tamborete
E vamo os dois cunversá:
Eu sube qu'ocê anda
Tudo enfeitado, p'ras banda
Duma moça do arraiá.

Eu sube que a falada
É pessôa apreparada
Que sabe lê e escrevê.
Meu fío, ôva o que eu digo,
Moça assim é um pirigo,
N'um dá certo cum vancê!

Vancê num aprendeu nada:
Conta, argébra, tabuada,
E ôtras coisas qui hái,
N'um hôve bôlo nem murro
Pruquê ôce era burro,
– Saindo nisso a seu pai! -

Meu fío, dêxe-se disso,
Essas moça tem feitiço
E o que qué é Coroné!
Depois, aqui na fazenda,
Sem se fazê incumenda,
Ha uma peste de muié!

Tem a Preta Vitalina,
A Maróca, a Perna Fina
E se tudas n'um bastá,
Eu mando pô nas parede,
Bem perto de tua rêde,
Uns retrato de jorná!

Zé Caluete, meu fío,
Te afoga dentro do rio
Mas n'um dá "o nó da Lei"!
N'um casa, tapêia a moça,
E p'ra nóis - que ninguém ôça!-
EU TAMBÉM N'UM MI CASEI!!!!

Para o meu amigo Bartimeu, com um abraço. – Ulysses Martinho.

O Bartimeu

SOBRE JUNDIAI, A A

A poluição do ar, que se torna mais grave no inverno, e da água precisa ser contr

Neste mês começa o pesadelo que o inverno traz aos grandes centros industrializados todos os anos: a concentração da poluição do ar. A temida "inversão térmica", que impede a dispersão dos agentes poluentes na atmosfera, encontra condições favoráveis para ocorrer, com os conhecidos e indesejados efeitos sobre a população.

Jundiaí não é uma exceção. É evidente que o problema na cidade não tem as proporções do que, por exemplo, acontece em São Paulo, mas ele existe e são poucos os que não o sentem. Em nível municipal, a poluição ainda não tem um órgão da Prefeitura específico para tratar dela, apenas existem planos da Secretaria da Saúde, Higiene e Bem Estar Social.



Ary: "não há necessidade de adotar uma posição de vanguarda"

O dr. Carlos Alberto Reiter foi nomeado, em março, para organizar esse trabalho, além das outras funções na secretaria. Nesses poucos meses, não foram muitas as denúncias encaminhadas à CETESB - Companhia Estadual de Tecnologia de Saneamento Básico -, uma empresa de capital misto encarregada do assunto.

Apesar disso, ainda não receberam qualquer resposta. Felizmente, o problema ainda não atingiu um nível significante. O dr. Reiter não tem dados a respeito da situação de Jundiaí, apesar de informações de que foram feitas medições na cidade para se determinar os índices de poluição.

— Para Jundiaí será muito bom ter um órgão que cuide do problema da poluição - diz, o dr. Reiter -, que não é uma coisa nova, mas que só agora tomou mais vulto. A secretaria poderá ter uma atuação supletiva no trabalho na CETESB, com um departamento de higiene onde estariam afetos os serviços de profilaxia da raiva, administração de feiras-livres e de ambulantes e fiscalização de estabelecimentos comerciais.

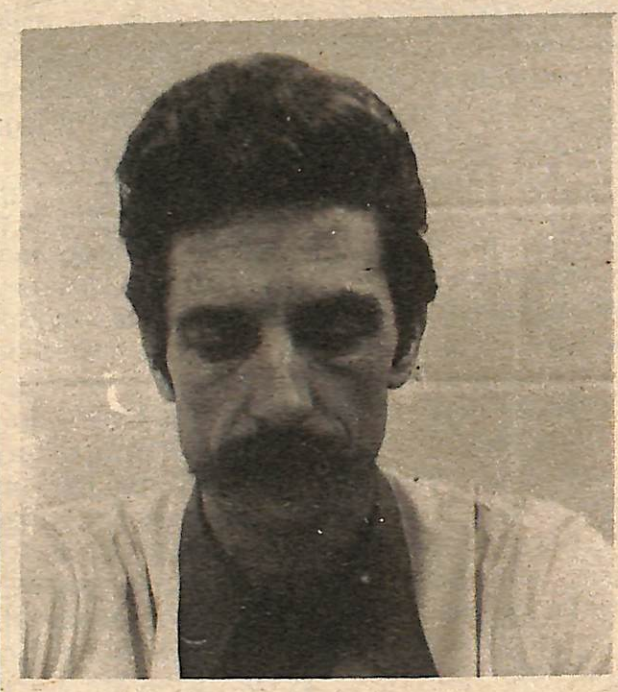
Ele falou que não adianta "sonhar muito alto" esperando poder ser montado um grande departamento para tratar disso. As atuais condições financeiras do município e os gastos que seriam necessários na contratação de pessoal e manutenção dos serviços não permitirão. No entanto, poderá funcionar a contento, servindo de intermediário entre a CETESB, com alguém especializado no assunto.

Para um médico veterinário que trabalhou no canil municipal até há dois meses e meio, não é estranho que não seja um especialista em poluição. Aliás, uma condição que o dr. Reiter mesmo reconhece. Nem por isso ignora a importância para a vida na cidade do controle da poluição.

NOSSO AR, MAIS SUJO DO QUE PARECE

"Jundiaí é uma cidade que, no momento, ainda pode prevenir os problemas de poluição do ar. Não tem grande ciência em simplesmente fazer as normas serem cumpridas". O autor destas palavras é o dr. Ary Domingos do Amaral, professor adjunto do Instituto de Bio-Ciências da Universidade de São Paulo, e morador no bairro do Vianelo.

O dr. Ary fez pesquisas na cidade em caráter particular para conhecer a situação do nosso ar. Para ele, "não há necessidade de adotar uma posição de vanguarda, o que acontece em Jundiaí é apenas uma falta de conscientização". Quando as medidas que devem ser tomadas, esclarecer.



Reiter: sem sonhar muito alto na organização de seu departamento

— Vamos ter que viver com as indústrias. Elas são responsáveis pela economia, dão emprego e, de uma maneira indireta, sustentam a cidade. Aqui, o problema maior é o da fuligem preta, que é a mais fácil de ser resolvida com a instalação de filtros especiais. E esse equipamento não onera muito as indústrias.

Na sua opinião, não se deve deixar Jundiaí chegar à situação de São Paulo, que "não tem mais solução, só paliativos que resolvem a longo prazo". Por isso, uma de suas intenções é trazer uma divisão da Fundação Nacional de Proteção ao Meio Ambiente, que reune biólogos e é caro resolver ecologistas do País, para estudar o problema.

Ele afirma ser possível a presença das indústrias perto dos centros urbanos desde que sejam tomadas as medidas preventivas. E todos ganhariam com isso, já que corrigir, quando não é impossível, torna-se caro demais. Justamente esse é o grande obstáculo que São Paulo enfrenta.

E a poluição do ar [illegible] ções tão intensas que [illegible] crianças da região do [illegible] apresentando uma esp[illegible] ção, numa defesa fab[illegible] Mas ele não acredita qu[illegible] de uma adaptação biol[illegible] porque se desconhecem [illegible] vos a longo prazo.

Através desse pris[illegible] caminho para impedir [illegible] minado, a prevenção. [illegible] mento industrial, pelo [illegible] lando suas emissões pre[illegible]

JUNDIAÍ PO[illegible] ATÉ 450 MIL

Segundo alguns c[illegible] entrevista, o engenhe[illegible] Henrique Horta de M[illegible] poderá ter até 450 m[illegible] número, não haverá [illegible] tecer toda a população.

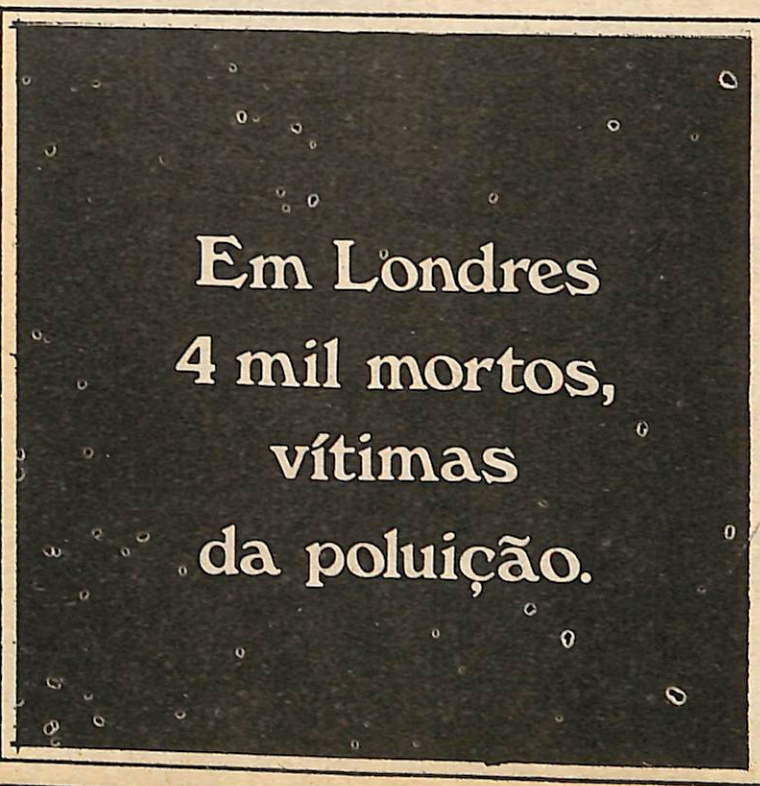
Mas não é só o [illegible] água que ameaça a c[illegible] bém motivo de temor [illegible] Luís Henrique diz qu[illegible] poluição de água é qu[illegible] çados diretamente no[illegible] Jundiaí, por exemplo, [illegible] da".

Ele cita um tri[illegible] conhecimento há algu[illegible] informação: mesmo q[illegible] tos e os despejos da[illegible] seria suficiente para m[illegible]

Luís Henrique ex[illegible] tem uma variação de [illegible] época da cheia , há p[illegible] luição dos poluentes, [illegible] alto o nível de poluiç[illegible]

Isto estava ficand[illegible] diaí conseguia compro[illegible] em Salto. Daí veio o [illegible] época, Luís Henrique [illegible] depois de ter sido di[illegible] anos (de 65 a 69), [illegible] de esgoto para Jundiaí.

— Quando o pro[illegible] engenheiro - o prefei[illegible] o serviço porque ser[illegible]



Aquela manhã de quatro de dezembro de 1952 traria uma grande surpresa para os londrinos. A cidade amanheceu com uma espessa névoa, bem mais carregada do que a de costume. Pelas ruas centrais da cidade, os automóveis e os ônibus se movimentavam a três quilômetros por hora, numa enorme fila indiana. No meio do violento "smog" as aves chocavam-se contra os edifícios mais altos, as pessoas desnorteadas caiam dentro do rio Tâmisa. Nem mesmo a morte de milhares de pessoas que sofriam de bronquite serviu para pertubar a tão conhecida fleugma britânica. Com muita calma, os londrinhos exigiram medidas drásticas por parte das autoridades, que resolveram combater eficazmente a poluição.

Ainda na manhã de quatro de dezembro, os londrinos viveriam a chocante demonstração do que a poluição atmosférica pode causar numa grande cidade. Nos cinemas, apenas os espectadores que estavam nas três primeiras filas tinham condições de ver a tela. Apesar de aterrisarem por meio de instrumentos, os aviões não conseguiam chegar aos terminais de passageiros. A situação era tão caótica, que apenas os cegos conseguiam se locomover pela cidade. Depois de um dia inteiro de tensões, os londrinos conseguiram chegar às suas casas. Mas o problema da inversão térmica que estavam enfrentando não se limitaria apenas àquele dia. Na manhã seguinte, a camada de névoa estava ainda mais densa. Nas ruas desertas, a polícia começou a fazer uma descoberta macabra: 50 mortos foram[illegible]das,. Por não conseguirem ver as margens do[illegible]soas cairam dentro do rio e acabaram se a[illegible] recebiam a todo momento chamados des[illegible] que estavam morrendo asfixiadas. Como n[illegible] ver, os médicos atendiam seus pacientes p[illegible] era sempre uma só: oxigênio.

No quarto dia, a névoa que era cinza [illegible] nuvem negra. O sol sumiu do céu e os dia[illegible] as noites. Na manhã de domingo, a avisibi[illegible] a apenas trinta cintímetros. Fazia muito f[illegible] soas, a maioria velhos, se perderam no nev[illegible] rendo na rua. Para se ter uma idéia da dan[illegible] fixiante, não se podia ver as mãos na frente [illegible]

Aos poucos a névoa foi se desfazendo[illegible] to. A partir daí as autoridades inglesas c[illegible] mento do número de pessoas que haviam m[illegible] do que durante e imediatamente após o a[illegible] negra, quatro mil pessoas tinham pedido [illegible] dres, quase todas com problemas de bronq[illegible] Saúde constatou então o óbvio: as pessoas[illegible] virtude do excesso de concentrações de [illegible] de enxofre na atmosfera.

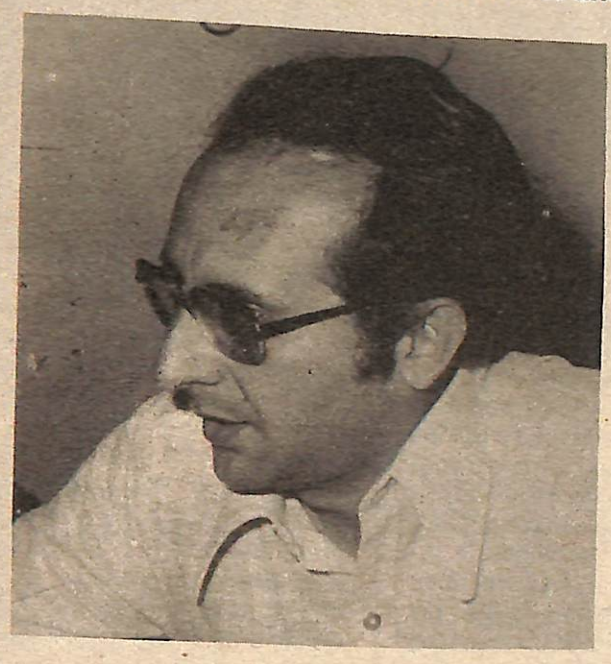
O "blanck fog", como foi chamado p[illegible] acontecer a qualquer mometno em diver[illegible]

MEAÇA DA POLUIÇÃO.

, antes que seja tarde demais para se consertar todos esses anos de esquecimento.

ssumindo propor-
Ary cita casos de
e ABC que estão
e bronco-constri-
pelo organismo.
o primeiro passo
poluição, mesmo
s seus efeitos noci-

dr. Ary vê como
o ar seja conta-
pedindo o cresci-
rio, mas contro-
is à vida humana.



Luís Henrique: "parece que até hoje nada foi resolvido".

nanciamento muito grande. E ele já estava pagando o empréstimo feito para o setor de água. Então resolveram adiar.

Ele conta que houve empenho do FESB com relação à Duratex e Eucatex, responsáveis por grande parte da poluição do rio. Houve um acordo para as duas firmas fazerem o tratamento de seus despejos em conjunto, dividindo os custos. Mas como a Prefeitura não tinha aceitado, "parece que até hoje nada foi resolvido, disse Luís Henrique.

Ele falou que o rio Jundiaí chega na cidade com condições razoáveis (há um tratamento primário em Campo Limpo). Depois passa a ter aquela coloração escura, para melhorar um pouco em Itaici, onde ocorre aeração nas corredeiras, piorando em Salto. Ao longo desses anos, ficou impossível o rio voltar a ser piscoso ou até mesmo tomar banho.

Mesmo que haja tratamento do esgoto, através de estações que o receberiam por interceptores colocados ao longo do rio, e dos despejos industriais, o máximo que se poderia obter seria uma melhora no aspecto do rio. Definitivamente morto, só resta melhorar sua aparência.

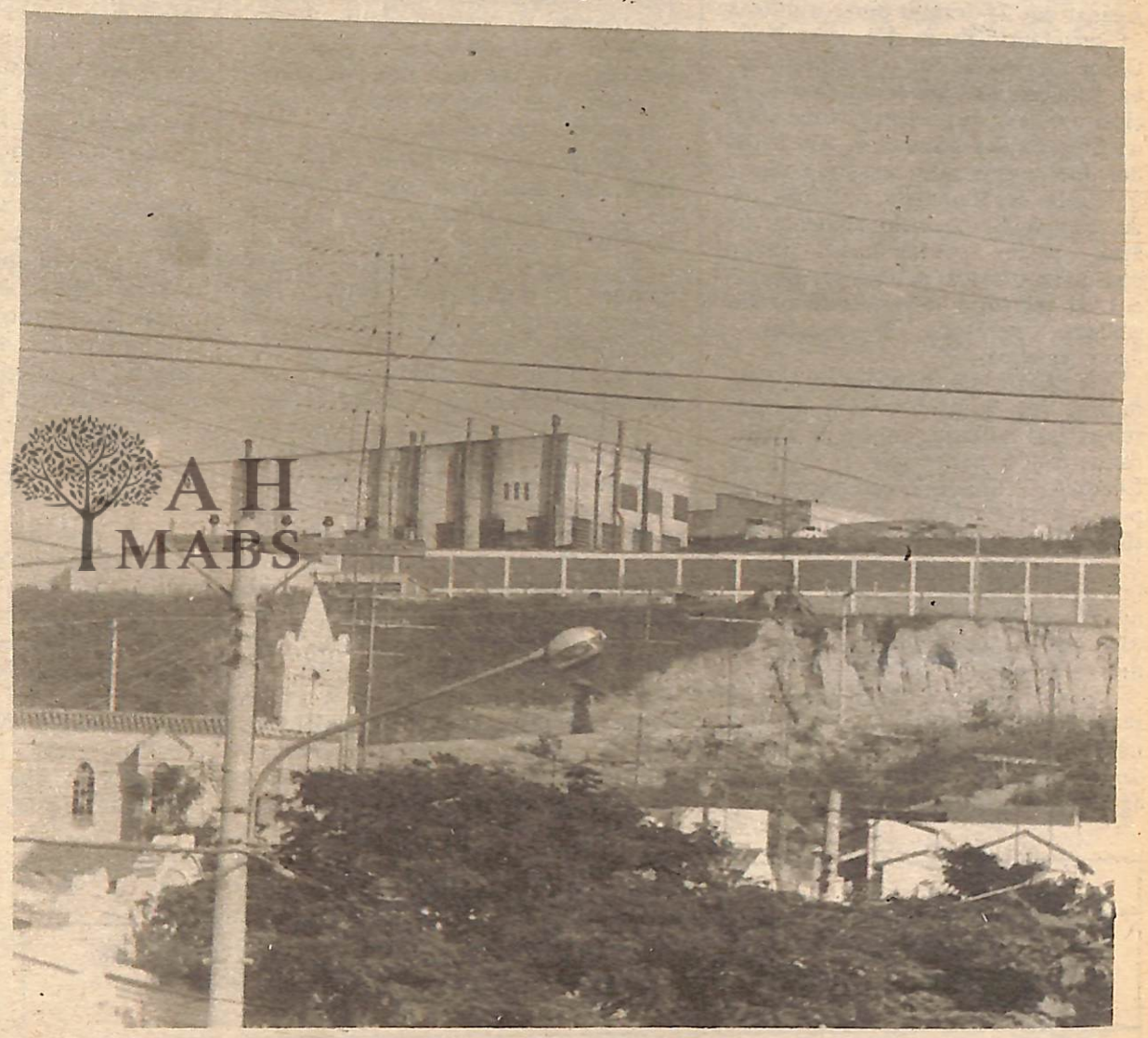
Por outro lado, Luís Henrique insiste na preservação do rio Jundaí - Mirim, responsável pelo abastecimento de água na cidade. Um cuidado que deve ser tomado por um motivo muito simpels: sem o rio Jundiaí - Mirim a cidade não poderá sobreviver, mesmo havendo auxílio do rio Atibaia.

Para ele, o vale do Jundiaí-Mirim não pode ser loteado, nem industrializado, mas mantido como área rural, Mesmo assim, com os devidos cuidados no caso de uso de pesticidas, que também podem contaminar a água.

Por ser a preservação dos cursos de água um ato de grande alcance territorial, que às vezes ultrapassa os limites políticos dos municípios, a atenção ao problema deve ser regional. "No nosso caso – falou Luís Henrique – as providências têm que ser na esfera estadual".

Mas o engenheiro diz que "saneamento sempre foi negócio esquecido: enterrar cano nunca deu voto para ninguém. O pior serviço nas prefeituras é o de esgoto". Nesse setor, existe um trabalho no Vale do Paraíba, com tratamento de esgoto, que é bastante caro porque e. ige muita energia elétrica, rigorosos controles, pessoal especializada, laboratórios.

Por isso, Luís Henrique afirma . e a saída para os municípios poderem contar com esse tipo de serviço, que preserva seus rios, poderia ser através de financiamento pelo BNH, método muito criticado. Mesmo assim, quem teria que arcar com as despesas, no final, sempre será a população. Talvez uma informação a mais para explicar a pergunta do engenheiro: "qual o município que faz o tratamento de esgoto completo?".



Do alto, a contribuição da Vigorelli para a poluição jundiaiense.

nas calça-
muitas pes-
os hospitais
de pessoas
e locomo-
e a receita

ma espessa
em-se com
a reduzida
as de pes-
ram mor-
evoeiro as-

da do ven-
o levanta-
constata-
da névoa
ande Lon-
stério da
orrido em
de dióxido

os, pode
ndustriais

do mundo. São Paulo ou mesmo Jundiaí podem ser perfeitamente enquadradas entre elas. A inversão atmosférica, que provoca a concentração de gases nocivos, ao homem pode provocar, como ocorreu em Londres, a morte de milhares de pessoas.

Segundo os técnicos no assunto, o ar poluído pode matar lentamente uma pessoa, sem que essa perceba. E a tragédia de Londres foi considerada como a mais grave ocorrida no mundo. Em consequência dela, entrou em vigor o chamado "Clean Air Act" (Ato do ar limpo), isso por volta de 1956. A partir daí as coisas começaram a mudar radicalmente, e Londres viu deminuir a emissão de um poluidor básico: a fumaça. Instituíram-se zonas de controle de fumaça, nas quais era proibido soltar fumaça pelas chaminés domésticas ou industriais.

Pouco a pouco o ar de Londres foi melhorando. O governo começou a indenizar em sententa por cento dos gastos contraídos pelos moradores na construção ou adaptações de lareiras de acordo com as exigências da lei. As indústrias obtiveram prazos para instalarem filtros e adaptarem-se às exigências. Emitir fumaça negra era um crime muito sério.

O ato do Ar Limpo acelerou o processo de substituição de combustíveis poluentes (como o carvão, por exemplo) por outros não produtores de fumaça negra. Hoje, o sol brilha mais sobre a capital inglesa. E uma prova disso é que o sol, no período de 1958 a 1968, aumentou a sua incidência sobre Londres em 50%. Atualmente as donas de casas londrinas podem plantar e acompanhar o crescimento de um maior número de plantas. E os pássaros, que tinham simplesmente sumido da cidade. retornaram.

FOG CAIPIRA

Era o dia 22 de agosto de 1952. As autoridades ainda não tinham entendido bem o que estava acontecendo em Bauru, uma cidade situada no interior do Estado de São Paulo. Naquele dia acontecia a primeira crise coletiva provocada pela poluição atmosférica numa cidade brasileira. Ninguém ligava o "estranho mal" à palavra poluição. Era até jocoso pensar que a doença que atingia centenas de pessoas poderia ser provocada pela emanação de gases venenosos por uma fábrica da cidade.

Os médicos acreditavam que se tratava de "uma moléstia-infecto contagiosa" e recomendaram o isolamento de 60 vítimas em estado grave. O secretário da Saúde do Estado ligou na ocasião o ocorrido com a tragédia de Londres, mas não a tempo de salvar nove pessoas, que morreram asfixiadas, de um total de 150 doentes.

Os doentes que eram levados para uma cidade vizinha, logo se recuperavam e então descobriu-se a causa de todo o mal: a epidemia coincidiu com a implantação por uma fábrica local de um novo método para a extração de óleo de rícino.

Na página seguinte, como a poluição é controlada em nível estadual e federal. Mais os efeitos dos poluentes no organismo humano e como se dá a inversão térmica

POLUIÇÃO: O PREÇO ALTO DEMAIS PELO PROGRESSO.

Há alguns anos o problema da poluição começou a ocupar espaço na imprensa. E não se tratou apenas de um modismo falar dos perigos que a industrialização estava trazendo para a segurança da vida na terra. Havia muito mais que isso.

O Brasil, em 1972, enviou uma delegação à Conferência de Estocolmo. Lá, os brasileiros verificaram que a preocupação com a poluição se estendia a países de todo o mundo. Quem praticamente iniciou esse movimento foi o Japão, que em fins da década de 60 percebeu os danos ecológicos que seu rápido desenvolvimento industrial provocou.

No ano seguinte, foi criada a Secretaria do Meio Ambiente - SEMA -, vinculada ao Ministério do Interior. Apenas em 74 tomou posse o primeiro secretário, Paulo Nogueira Neto. O serviço inicial foi o levantamento da poluição nas praias brasileiras, inclusive o caso da presença de mercúrio na Enseada dos Tainheiros, em Salvador. Era mesma substância que causou o desastre em Minamata, no Japão, onde, completado o ciclo alimentar na água, peixes contaminados foram consumidos pelos pescadores nipônicos. O mercúrio, acumulado no organismo, provocou deformações e danos genéticos.

A SEMA, que trabalha em âmbito federal, tem quatro divisões: Ecossistemas, que trata de problemas relacionados com a preservação da natureza; Educação e Comunicação Visual, responsável pela difusão das noções básicas relativas ao bom uso do ambiente; Ecodesenvolvimento, que estuda o impacto das grandes obras sobre o meio ambiente; e Controle da Poluição, que se ocupa da preservação do meio ambiente.

Paulo Nogueira Neto diz que "a poluição pode ocorrer de diversas maneiras. Antes de mais nada, ela representa a deterioração da qualidade das águas, do ar e do solo, ocasionando danos à saúde, ao bem estar, às atividades econômicas, à flora, à fauna e à ecologia de um modo geral".

A poluição do ar é a que tem aspectos mais complexos, não ocorrendo de maneira uniforme durante todo o ano. Em algumas ocasiões, frequentemente no inverso, ocorre o fenômeno atmosférico chamado de inversão térmica. Os poluentes que normalmente são arrastados para cima junto com o ar aquecido na superfície da terra, ficam bloqueados. O ar estagnado vai, progressivamente, acumulando substâncias tóxicas. Quando chega a um nível mais alto do que o homem pode suportar, pode ocorrer acidentes como o de Londres, em 1952, e Bauru, no mesmo ano.

São dois os tipos de medidas para combater a poluição atmosférica, ou a combinação de ambas: estabelecer padrões do meio ambiente, no caso o ar, e padrões de emissão das fontes poluidoras, com sanções legais a quem ultrapassar esses níveis.

Os principais poluentes atmosféricos são o dióxido de enxofre, a matéria particulada (fumaça, poeira), monóxido de carbono, os óxidos de nitrogênio, os hidrocarbonetos e os oxidantes fotoquímicos. Todos eles podem ser detectados pelas estações automáticas, adquiridas pela CETESB em São Paulo e instaladas em pontos estratégicos da cidade.

Segundo a SEMA, nas grandes cidades brasileiras 25% da poluição se devem às atividades industriais, 5% ao setor doméstico, 30% vêm da queima de óleo combustível com elevado teor de enxofre pelas indústrias e motores Diesel; e 40% são provocados pelos veículos movidos à gasolina.

O controle da poluição da água, apesar de mais simples, custa tanto ou mais do que do ar. Inicialmente, os cursos de água devem ser colocados em diversas classes, cada uma com sua finalidade especifica. O pior tipo precisa ter algum oxigênio, aspecto e odor aceitáveis, devendo-se ser mais exigente quando a água se destinar ao abastecimento da população.

O secretário da SEMA diz: "deve-se, na medida do possível, aproveitar a capacidade natural que possui a água de absorver, por assim dizer, uma certa proporção de matéria orgânica, que é um dos principais poluentes. No entanto, em relação a determinadas substâncias, não existe essa capacidade de absorção. Poluentes como, por exemplo, metais pesados e inseticidas clorados, progressivamente vão se concentrando no decorrer da cadeia alimentar. Assim, o plâncton tem capacidade de concentrar esses poluentes de tal modo que eles estão centenas ou mesmo milhares de vezes mais concentrados que na água onde essas minúsculas algas e animais vive. Depois, os pequenos peixes se alimentam do plâncton. Os peixes grandes comem os pequenos e afinal vem o homem, no final da cadeia alimentar, e come os peixes grandes. Desse modo, o ser humano é intoxicado".

Há também um terceiro tipo de poluição: a do solo, presente em quase todas as cidades brasileiras com dificuldades em dar um destino a seus resíduos sólidos. Além disso, existem os conhecidos problemas provocados pela contaminação através de pesticidas usados na agricultura, que chegaram a causar a morte de gado e pessoas em vários estados brasileiros.

CETESB

A primeira lei específica para o combate da poluição da água no estado de São Paulo é de 1953, quando foi criado o Conselho Estadual para Controle da Poluição das Águas. As responsabilidades foram distribuídas para três secretarias: Viação e Obras Públicas, Saúde e Agricultura. Esse fato, mais ou parcos recursos da época, não permitiram que se chegasse a resultados animadores.

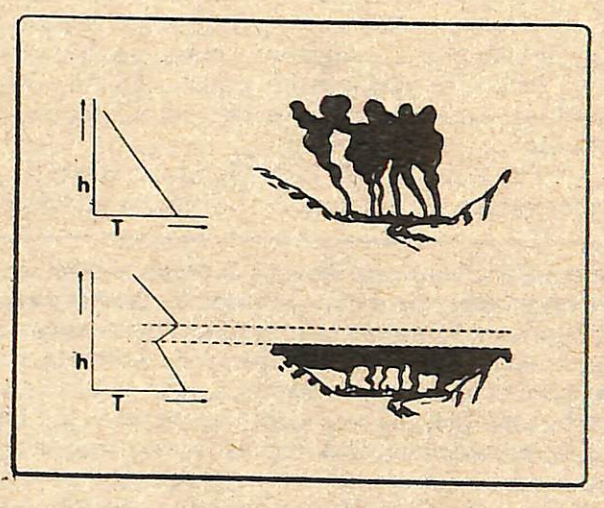
Mas foram acumuladas experiências desse período, que findou em 67, o que ajudou na conscientização do problema. No ano seguinte foi criado o Centro Tecnológico de Saneamento Básico – CETESB, coma unificação de vários laboratórios que atuavam na área de Saneamento. A partir do segundo semestre de 73, a CETESB foi transformada em companhia de capital misto, sendo atribuídas a ela todas as atividades do controle da qualidade do meio ambiente em todo o Estado. Em 75, a SUSAM transferiu a ela o problema da poluição do ar.

Mas sua atuação ainda não conseguiu impedir que o Tietê, frequentemente, inunde de espuma a pacata e religiosa cidade de Pirapora do Bom Jesus. Nem que São Paulo deixasse de ser alarmada com o sinal de alerta para a poluição do ar. As medições em diversos pontos são noticiadas diariamente, no lamentável registro da inviabilidade do progresso desordenado, que não levou em conta que, quando o homem apareceu na superfície deste planeta, não havia fábricas, carros, grandes cidades, poluindo o ar, a água e o solo.

O meio ambiente está profundamente modificado. O homem urbano, possivelmente, adquiriu algumas defesas naturais para se adaptar. Mas a resistência do organismo humano, dependente do oxigênio que retira do ar, e da água não pode suportar muito a convivência com veneno.

Os desastres ecológicos são comuns. E se nada for feito, partindo do princípio de que toda criação da natureza depende das condições do ambiente, o futuro do homem está profundmente ameaçado pelas trans formações que ele mesmo provocou com a maior virtude dada a um animal: sua inteligência. Também dela depende traçar os caminhos para tornar menos sombrios seus horizontes. (C.K.I.)

Impurezas no ar	Possível efeito sobre a saúde humana
Óxidos de enxofre combinados com partículas em suspensão - (fumaça)	Agravação de doenças respiratórias e contribuição para seu desenvolvimento; diminuição da função dos pulmões; irritação dos sentidos.
Partículas em suspensão	Aumento dos efeitos das impurezas gasosas, como bióxido de enxofre; possíveis efeitos tóxicos, dependendo da composição química (exemplo, partículas de chumbo ou asbestos).
Oxidantes, inclusive ozona	Irritação dos olhos; possível associação com ataques asmáticos; diminuição da função dos pulmões nas pessoas enfermas.
Monóxido de carbono	Combinando-se com a hemoglobina, priva de oxigênio os tecidos; as pessoas que sofrem de doença cardio-respiratória são mais sensíveis; pode produzir efeitos psicofisiológicos mesmo em baixa concentrações; o fumo é fonte importante, talvez mais importante que a descarga dos veículos a motor.
Chumbo	Ingerido através de alimentos, água e ar, acumula no organismo seus efeitos fatais; em quantidade excessiva, pode envenenar.
Asbestos	Possível fator de doença pulmonar, tal como outras impurezas e o fumo; calcificação da pleura observada também em exposição não ocupacional.
Berílio	Têm-se observado casos de envenenamento crônico com berílio perto de suas fábricas.



O fenômeno da inversão térmica ocorre dessa maneira: quando a atmosfera se encontra em condições de instabilidade, existe um movimento vertical da massa de ar. Isto acontece apenas se a temperatura do ar diminui sensivelmente com a altitude. Caso contrário, isto é, se houver pouca diminuição da temperatura ou aumento com a altitude, a atmosfera fica numa situação de estabilidade. Forma uma espécie de tampa sobre a região, o que impede a troca da massa de ar.



Ponte Torta: 1959



Ponte Torta: 1977

O POVO VAI DERRUBAR A PONTE?

As histórias a respeito da Ponte Torta são desencontradas. Uns dizem que ela foi construida para dar passagem a antigos bondinhos, puxados a cavalo, e que traziam passageiros e cargas para o centro da cidade, vindos da estação ferroviária. Outros moradores antigos da região da Vila Arens, Vila Argos Velha e Vianelo afirmam que a ponte foi construida para a passagem de vagonetas que levavam saibro para a cerâmica do dr. Castilho, que ficava perto de onde está construída a Igreja da Vila Arens. Mesmo os mais antigos moradores da região não sabem dizer ao certo quando que a Ponte Torta - ou como muitos preferem, a Ponte Redonda - foi construída. Em meio a tantas dúvidas, uma coisa é quase certa: a velha Ponte Torta, que teria sido construída ainda no século passado, poderá ser demolida pela Prefeitura.

Seria esse o fim trágico de mais um dos poucos monumentos que ainda restam na cidade? De acordo com os técnicos da Prefeitura, apenas o povo poderá salvar a Ponte Torta, manifestando a sua opinião sobre a necessidade da manutenção da ponte.

OBRA PERMANENTE

Nem mesmo a Prefeitura tem em seus arquivos qualquer documento que diga quando a Ponte Torta foi construída. Também não se sabe quem foi o construtor. O que se sabe é que hoje a velha ponte representa o atestado de uma técnica de construção que merece elogios. Mesmo depois de muitos anos a ponte continua resistindo à força do tempo e das águas do rio Guapeva. A paisagem ao seu redor já se modificou muitas vezes: do mato e do grande brejo que existia à sua volta e que dominava todo o bairro do Vianelo, nada mais resta. O progresso, com novas habitações e ruas largas modificou toda a paisagem. Ao seu lado surgiu uma pracinha bem cuidada, com bancos de cimento ladrilhado. As águas claras do rio Guapeva lentamente foram se transformando num esgoto mal cheiroso. Tudo se modificou com o correr dos anos, menos a velha Ponte Torta, construída em forma de arco com tijolos bem vermelhos.

Segundo o historiador Alceu de Toledo Pontes, atualmente com setenta e cinco anos de idade e profundo conhecedor do nosso passado, a Ponte Torta foi construída para servir de passagem aos bondinhos que vinham da estação Santos Jundiaí para a cidade, mais precisamente por perto do antigo Largo Santa Cruz. "A preservação da ponte - diz Alceu - é necessária, porque é um marco que representa o passado histórico de Jundiaí; é a demonstração de um estilo e técnica marcantes de uma época".

Mas nem todos têm a mesma opinião. Para o músico Manoel Antiqueira, um dos mais antigos moradores do Vianelo, a Ponte Torta sempre foi motivo de preocupação. Ele diz que antigamente tinha muito mato nas proximidades da ponte. "Ali era o ponto preferido para o encontro de casais mal intencionados e também acontecia sempre muitos assaltos". Aborrecido com isso tudo, por volta de 1948, quando se elegeu vereador, Manoel Antiqueira propos a derrubada da Ponte Torta, mas foi voto vencido na Câmara Municipal. Uma das grandes tristezas que Manoel Antiqueira teve na vida foi por causa da ponte: durante uma das enchentes do rio Guapeva ele perdeu um violino de estimação, "uma verdadeira jóia", que tinha ganho numa rifa, durante uma viagem que fez à Argentina por volta de 1914. "As enchentes do Vianello, que sempre aconteciam em fevereiro, eram causadas pela Ponta Torta, que na minha opinião estrangula o rio e não deixa a água dar a vazão necessária", explicou Antiqueira, um dos primeiros moradores do Vianelo.

CAUSA DE ENCHENTES

Manoel Antiqueira passa as mãos pelos cabelos brancos, olha para o ponte, que fica bem de frente à sua casa, "o primeiro lote vendido e a primeira casa construída no bairro", e não esconde a sua vontade: "pelos problemas que enfrentei nos 54 anos que moro aqui, como assaltos e enchentes, acho que a ponte deve ser derrubada".



Manoel Antiqueira

Para Alaor Martins, que mora desde 1961 na Pitangueiras, se a ponte for derrubada até que vai ser bom. "Quando se trata do progresso da cidade, acho que não tem esse negócio de preservar coisa velha. Em último caso acho que a Prefeitura deveria construir uma ponte igual a essa, mas em outro lugar da cidade".

Anisio dos Ouros mora em Jundiaí desde 1927 e diz que tem a Ponte Torta na lembrança desde os tempos que era menino. Com outros garotos da região, brincou muito na Ponte Torta, no tempo em que ele era lisa e que as pessoas, para passar de um lado para o outro, tinham que se apoiar nos lados da ponte. "Só depois de muitos anos é que a Prefeitura resolveu construir degraus, para que o pessoal usasse a ponte para ir até a cidade". Anisio dos Ouros, apesar de ter conhecido a Ponte Torta desde o início de sua vida, é da opinião de que a demolição é válida.

"Afinal de contas - explica Anisio dos Ouros - a ponte já não é a mesma. Se ela fosse original, como quando foi construída, então eu acho que deveria ser preservada".

Os moradores vizinhos ao rio Guapeva são, na sua maioria, a favor da derrubada da ponte, porque acreditam que as grandes enchentes que acontecem todo o ano, por volta de fevereiro, são provocadas pela Ponte, que por ser estreita acaba represando as águas do rio. Muitos acham que a ponte deve ser demolida, pois já não representa mais um patrimônio histórico. Ela foi modificada muitas vezes e não tem mais o mesmo aspecto original.

OS ESTUDOS

O arquiteto Antonio Fernandes Panizza, coordenador do Planejamento é quem está realizando os estudos sobre a Ponte Torta. Manuseando diversas plantas e desenhos técnicos ele explica que, particularmente, é a favor da preservação da ponte, "porque sempre que se pode preservar um patrimônio histórico, isso deve ser feito".

O grande problema, segundo as explicações de Panizza, é que o rio Guapeva deverá ser alargado de cerca de cinco para doze metros no trecho onde está a Ponte Torta, além de sofrer aprofundamento de um metro. Para que se mantenha a ponte, a Prefeitura gastará cerca de um milhão de cruzeiros, que é em quanto foi estimada a obra. O rio Guapeva seria alargado e teria dois braços: um deles passaria sobre a ponte e o outro pelo lado de fora. Segundo Antonio Panizza, isso acarretaria mais desapropriações de imóveis e a construção de uma passarela, para que a ponte continuasse a ser utilizada por pedestres. As desapropriações a mais que seriam feitas provocariam um gasto adicional de aproximadamente cem mil cruzeiros.

POVO SERÁ OUVIDO

O arquiteto esclareceu ainda que a Ponte Torta não será demolida brevemente. "Temos que fundamentar a nossa decisão – esclareceu Panizza – e somente conseguiremos isso com o auxílio da população, que terá o direito e até mesmo a obrigação de se manifestar, pois trata-se da demolição de uma obra que pode ter ligação com muita gente. Quero deixar claro que antes de qualquer medida a ser adotada, o povo de Jundiaí será ouvido".

Tecnicamente a Ponte Torta tem condições de ser mantida, mas o dinheiro que a Prefeitura vai gastar para preservá-la representa o valor de uma obra de maior alcance social, como por exemplo, uma escola rural e até mesmo outra ponte mais moderna e útil ao nosso sistema viário.



Antonio Panizza

Para o arquiteto Panizza, a opinião da população é muito importante, porque a voz do povo influi muito em certas decisões. E exemplifica dizendo que as figueiras do antigo Largo Santa Cruz, onde atualmente está localizada a estação rodoviária, foram cortadas e lamentavelmente uma parcela muito pequena da população de Jundiaí se manifestou a respeito.

O jundiaiense poderia ser chamado de omisso? Há exemplos que levam a uma resposta afirmativa: a velha igreja da Colonia, registro histórico da colonização italiana em Jundiaí foi demolida há alguns anos sem que contasse com uma só palavra em sua defesa. (S.H.)

Música



Lúcia Olga Chaves

O BOM PIANO DE LÚCIA OLGA, NA ALIANÇA FRANCESA.

Dia 23, quinta-feira, a pianista jundiaiense Lúcia Olga Chaves estará se apresentando no auditório da Aliança Francesa (Rua General Jardim, 182, São Paulo), num recital que inclui peças clássicas de autores franceses e brasileiros. A audição será às 20:30 horas e o programa apresentará obras de Debussy, Ravel, Fauré, Villa Lobos, Ernesto Nazareth, Souza Lima e Frutuoso Vianna.

Lúcia Olga Chaves formou-se aos 13 anos, pelo Conservatório Musical de Jundiaí. Filha do pianista Mário Chaves, Lúcia Olga começou a aprender piano "desordenadamente, eu pedia para tocar alguma coisa, meu pai deixava que eu tocasse e, às vezes, lá de dentro da casa, ia dizendo "está errado isso, faça aquilo". Somente estudei com método quando fiz cursos de aperfeiçoamento".

A pianista fez aperfeiçoamento com Guilherme Fontaínha, no Rio de Janeiro, graças a uma bolsa de estudos conseguida num concurso realizado em Campinas. Tem, ainda, cursos de Harmonia e Contraponto, feitos com o regente e compositor Raul do Valle, (um musicista brasileiro que está trabalhando na França), e curso de aperfeiçoamento com o maestro Souza Lima, de quem Lúcia Olga é assistente.

Lúcia Olga Chaves é também compositora e está para editar algumas de suas obras, através da Irmãos Vitalle.

Viver como compositora? "É impossível, principalmente compositora de música clássica e, ainda mais, no Brasil". Além de seu trabalho como assistente de Souza Lima, Lúcia Olga leciona particularmente, aqui mesmo em Jundiaí.

O que ela acha da música popular? "Gosto e toco bastante música popular. Aliás, gosto de qualquer tipo de música. A tal ponto que recomendo a meus alunos que toquem gêneros populares. Inclusive que toquem de ouvido; desde que gostem de determinado tipo de música, devem tocar"

A esse respeito, Lúcia Olga tem um conceito bastante aberto, o que lhe vale certas críticas por parte de outros professores. "Acho que tocar de ouvido é um exercício muito importante para o músico. Na verdade, desde que apareceu a música escrita, muitos músicos se transformaram em leitores de música. Com isso, ficam com a audição atrofiada, já não conseguem identificar uma nota simplesmente ouvida. Eu incentivo meus alunos a tocarem de ouvido. Sem prejuízo do aprendizado teórico e planejado, é claro", afirma Lúcia Olga.

Alguma experiência no exterior? Lúcia Olga sorri e conta que tocou uma vez, em Miami. "Eu estava a passeio e fui a uma boate em Miami. Ali havia uma pianista e cantor, uma estrela cujo nome agora me foge. Pois bem, num intervalo de suas músicas, fui até o pianista para pedir que tocasse alguma peça brasileira. Ele conhecia Sérgio Mendes (muito em voga lá, em 1974) e "Aquarela do Brasil". Começou a tocar a música de Ari Barroso, quando eu toquei algumas notas, junto. Resultado, acabamos tocando a quatro mãos. Depois, a convite dele, toquei outras músicas". Sorri: "A casa estava cheia e fui muito aplaudida".

E por que Lúcia Olga não se profissionaliza?

"Recebi vários convites para tocar na noite, em boates do Rio, inclusive. Mas não aceitei, acho que não me daria bem com esse tipo de vida, trocando a noite pelo dia".

O convite para a audição no Aliança Francesa partiu da professora Lucia Sachs, que leciona ali. A apresentação de Lúcia Olga deverá agradar: talento e arte não lhe faltam. **(E.M.)**

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais!
Com uma Caderneta de Poupança Habitacional APE você tem tranqüilidade. É a certeza de correção monetária trimestral e dividendos - com absoluta segurança. Abra uma Caderneta de Poupança Habitacional APE. Lembre-se que dinheiro chama dinheiro. Veja o que a Habitacional APE fez pelos seus clientes em 1976:

COMPORTAMENTO DE UM DEPÓSITO DE Cr$ 10.000,00 NO ANO DE 1976		
CADERNETA DE POUPANÇA HABITACIONAL A P E		
1/01/76-SD		10.000,00
1/04/76-CM	667,50	10.667,50
1/07/76-CM	927,01	11.594,51
1/07/76-DV	516,69	12.111,20
1/10/76-CM	1.075,60	13.186,80
1/01/77-CM	1.200,13	14.386,93
1/01/77-DV	632,45	15.019,38
RENDA FINAL DO ANO - 50,19		

Caderneta de Poupança
Habitacional APE
Campinas • São Paulo • Americana • Jundiaí

KING KONG

O filme mais caro da história do cinema será lançado simultaneamente em todo o País, dia 24 (em Jundiaí, dia 7), com uma promoção que nem Chita, no auge de sua fama, chegou a merecer.

Durante as filmagens de "King Kong", em 1932, o cinema descobriu que poderia enganar meio mundo usando truques ingênuos de grande efeito. A fórmula dá resultados até hoje.

Afinal, quem é que não vai querer assistir a essa espécie de "Love Story" entre um boneco de 13 metros de altura e 4.600 quilos feito de espuma de borracha e coberto com crina de cavalo e uma frágil mocinha?

Há um gigantesco (trocadilho à parte) esquema montado para o lançamento do filme simultaneamente em 80 cinemas brasileiros (pasmem: aqui, 7 de julho). E preparem-se para a invasão de produtos que poderão marcar a geração "king kong": bebidas, chocolates, chaveiros, camisetas, calcinhas, cuecas, tudo que se possa imaginar com a marca do gorila que na versão de Dino de Laurentis se apaixona loucamente pela mocinha. Trata-se, digamos, de um doce bárbaro.

O filme começa a ser exibido neste dia 7 no Ipiranga. Tem duas horas e seis minutos de duração e foi dirigido pelo mesmo diretor de "Inferno na Torre", John Guillermin. O monstro mostrado nas telas é controlado eletronicamente por um complexo sistema de válvulas hidráulicas que o possibilita mexer os olhos e lhe dá 16 movimentos independentes para as mãos. O mais famoso desses movimentos é o que lhe permite levantar a "mocinha" com seus imensos dedos.

A HISTÓRIA

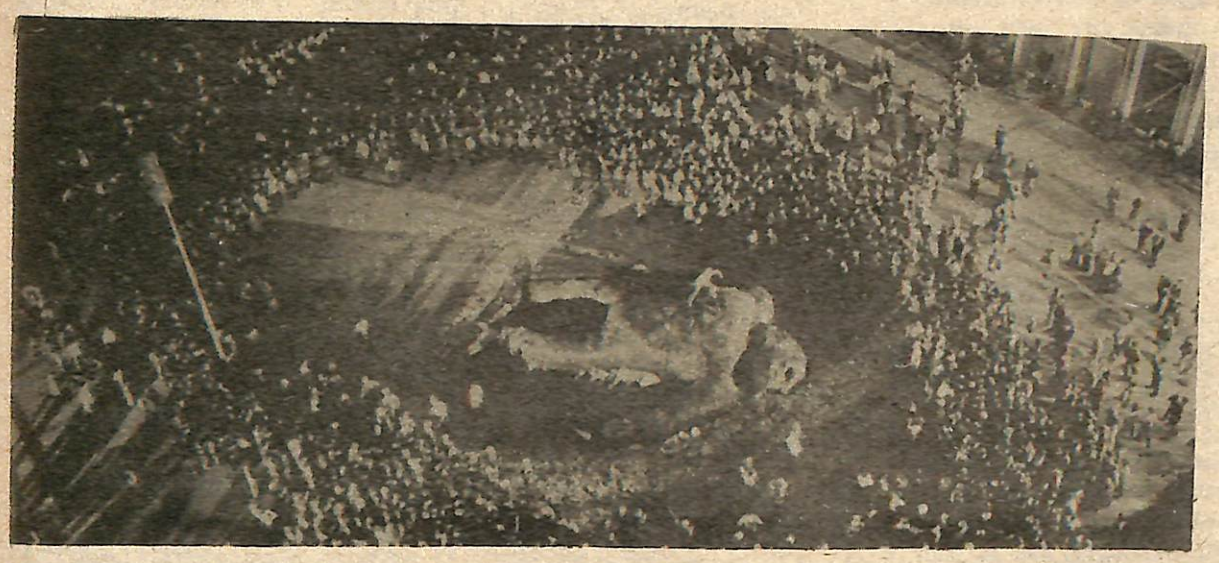
"Que Deus te preserve, senhora, de casar em noite de lua cheia com uma criatura que tocou as alturas do céu".

De acordo com o inteligente e emocionante roteiro da nova versão cinematográfica de "King Kong", na qual banqueiros europeus e empresas americanas investiram 24 milhões de dólares, essa advertência foi escrita com sangue, naturalmente, num barco salva-vidas vazio, encontrado à deriva no sul do oceano Pacífico, em 1749. Junto a essas palavras havia um desenho mostrando uma imagem semelhante "à de um gigantesco humanóide". Calafrios e estremecimentos antecipam a exposição que Jeff Bridges, no papel de um paleontólogo da Universidade de Princeptown, faz na sala de comando de um navio pertencente a uma grande empresa petrolífera. Ele é o primeiro entre milhões, a acreditar que Kong, o gorila gigante, ainda vive. O navio explora as possibilidades da existência de petróleo em áreas remotas, julgadas pelo cínico líder da expedição (Charles Grodin) capazes de resolver a presente crise do petróleo.

Só nos Estados Unidos, calcula-se que o filme conseguirá uma renda superior a cem milhões de dólares. O maior interesse do filme está concentrado nos efeitos especiais. Mas talvez mais importante do que isso tenha sido o inteligente trabalho do roteirista Lorenzo Semple Jr. (criador de "Batman" na TV) para adaptar "King Kong" aos nossos dias. É ele quem diz:

— Não digo que "King Kong" seja um filme sério, mas afirmo que trabalhei com a maior seriedade em seu roteiro, sem nenhum desdém pelos espectadores. E creio que consegui bons resultados com um truque que consistiu em ficar a meio do caminho entre um romance cinematográfico e um típico narrado produto de comunicação de massas.





Os produtores garantem: esta cena emocionará o mundo.

O mais pesado (e o mais peludo) astro do cinema

Nem Gary Cooper, nem Clark Gable eram tão altos, tão fortes como este galã: 13 metros da altura, 4.600 quilos. . .

O esqueleto é constituído principalmente de aço e alumínio. Em seu interior percorrem 950 metros de tubos e 1.400 metros de fios elétricos. Com um peito de 6 metros de largura e mãos de 1m80, seus braços têm um alcance de 6 metros cada um e um peso de 750 quilos. Tais extremidades, montadas em uma grua, têm o movimento que permitiu sustentar a atriz Jessica Lange a 12 metros do nível do solo.

Um engenhoso sistema elétrico permite manipular os enormes dedos. As diversas partes do corpo têm um funcionamento bem natural: 16 posições distintas para os braços, possibilidade de andar e se virar para trás girando o tronco sobre as cadeiras.

Movimento de boca e olhos, King Kong pode conseguir graças a esse mesmo sistema, dirigido por vinte operadores, cada um dos quais controlando um movimento exclusivo.

O problema dos pelos foi resolvido por Michael Dino, um célebre fabricante de perucas. Estudou primeiro trinta e quatro materiais diferentes, suscetíveis para servir ao fim desejado, e optou finalmente por rabos de cavalo, que foram encomendados na Argentina (1.800 quilos). Seu recheio inclui centenas de litros de xarope, que vazarão profusamente na cena final.

EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial – JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086
CAMPINAS — Matriz — Fones: 31-3403 e 31-4303
SÃO PAULO — Filial — Fones 227-0419 e 227-0453

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA
Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.
Fones: 434-7363 - 434-4351
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

ESPORTE É CULTURA

A fim de colaborar com a torcida brasileira, transcrevemos abaixo a nova terminologia do técnico Cláudio Coutinho, traduzida por Horácio Marana, da "Folha de S. Paulo" (14.6.77).

Decore tudo e reze, que a gente chega lá.

"O PEQUENO-DICIONÁRIO DO FUTEBOLÊS

HORÁCIO MARANA

Novas palavras só são criadas quando as antigas não dizem tudo o que o homem pensa. Cláudio Coutinho estará durante cinco dias em São Paulo usando o **futebolês** — sua nova linguagem —, um conjunto de expressões absolutamente dispensável por definir jogadas antigas. Por serem jogadas antigas, dispensariam novas definições.

Todas as emissoras paulistas e os jornais repetirão de hoje a domingo expressões do **futebolês** sempre que entrevistarem Coutinho. Para o perfeito entendimento das entrevistas, aqui estão algumas expressões do técnico da seleção.

C

Combinação lateral — troca de passes nas beiras do campo, usada por Ademir da Guia desde 1963 no Palmeiras, mais conhecida como jogo lateral.

D

Defesa agressiva — marcação por pressão, feita nos campeonatos europeus desde o início do século e adotada em jogos do Interior paulista há vários anos.

F

Futebol polivalente — jogo movimentado, com muitas deslocações. Atualmente, muito raro.

I

Infantaria blindada ligeira conjunto de jogadores habilidosos, ou craques do time. O primeiro jogador desse nível no Brasil foi Friedenreich na década de 30.

J

Jogo áereo — chuveirinho, cujo maior crítico foi Filpo Nuñes, hoje no ostracismo; ou cavadinha, uma das armas da Ponte Preta em 1970. Centros altos sobre a área.

Jogador polivalente — versátil, que se desloca para receber passes, que joga em várias posições. Em 1958, Brandão foi muito criticado por insistir com Garrincha na ponta-esquerda. Nesse ano, não se admitia a polivalência. O polivalente pode integrar a infantaria blindada ligeira.

L

Líbero eventual — jogador que fica na espera, encarregado de cobrir um companheiro. Especialidade de Beckenbauer há doze anos.

Líbero flutuante — o mesmo que líbero eventual. Ou, como se dizia em 1910, quando surgiu o Corintians: o beque de espera.

M

Marcação por retardo — cerco do adversário, enquanto a defesa se arma. Isto é: volta logo pra ajudar.

O

Over-lapping — expressão composta de "over", que significa acima ou através e "lap", que é um salto para cobrir ou ocupar um espaço ou uma posição. Over-lapping é uma triangulação com mudança de jogo rápido. Uma movimentada troca de passes entre Zito, Mengálvio e Pelé, em 1960, feita em velocidade, claro.

P

Pivôs fixos — os dois zagueiros de área. Beline, em 1958, já era um pivô fixo, porque não sabia atacar como Luiz Pereira. Mauro, no mesmo ano, era fixo por natureza: não tinha velocidade.

R

Resposta neuro-motora — reflexo. O que as pessoas fazem ao tomar um choque. Ou, uma reação a jogadas. Exemplo: se Garrincha era muito marcado, sua resposta neuro-motora era driblar o adversário até que ele caisse ao chão.

T

Tackling — consta dos livros da FIFA. É o mesmo que tranco. Coutinho ainda não usou, mas podemos colaborar com o "tackling a derriere", que consta dos manuais de árbitros há vinte anos e significa tranco por trás.

Tackling escorregando — carrinho por trás do atacante. Portanto, tradução errada do tackling a derriere.

Treino educativo — o mesmo que jogadas ensaiadas, em que os jogadores decoram o que fazer em determinados momentos. Feitiço, atacante do Santos, não conseguiu aprender e ficou famoso pelo chute de bico quando chegava perto da área. E foi artilheiro. Treino tático.

Tropa de choque — conjunto de jogadores que, por falta de maiores recursos, trombam com zagueiros adversários. Exemplo: Vavá, Dario e Flávio, se jogassem juntos.

Z

Zona inglesa — marcação por zona, apontada pelos ingleses. Quer dizer: Domingos da Guia ficava na frente da área e marcava o jogador que entrasse em sua zona, fosse quem fosse. Em 1938.

Observação: se o autor de novas expressões é bastante sensível e se tem longa experiência profissional, as palavras que cria aparecem com carga-extra de significação. O que significa que Coutinho, com menos de sete anos como técnico, ainda poderá desenvolver muito mais todo seu potencial criativo."

(Pela transcrição, E.M.)

A VOZ DA EXPERIÊNCIA

O cardeal de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, falando contra o divórcio: "Os motivos de separação não se encontram no cansaço e na monotonia da convivência pelo curso de anos, mas se fundamentam na falta da necessária preparação para o matrimônio, na superficialidade da escolha e no conceito romanesco que se tem sobre a instituição do matrimônio". Como é que ele sabe, hein? (S.V.)

UM VERDADEIRO FUNDO

Não gostei daqueles dois gerentes do Banco Itaú que ficam pedindo prá gente depositar lá o 157, aquele japonês e aquele outro, Não gostei também daquele cliente meio gorducho que aparece com uma maleta na mão e entrega o certificado de depósito dele para o Itaú. Já que o dinheiro do 157 geralmente vai para o fundo mesmo, vou escolher um banco com gerentes e clientes mais simpáticos. (S.A.)



CABEÇUDOS

Manchete do **Estadão** de terça-feira, dia 14: "EUA insistem nos direitos humanos". Ô povo teimoso.! (S.A.)

A AJU COMEÇA BEM.

A Associação do Universitário Jundiaiense, que mereceu uma bronquinha nossa quando da posse da diretoria (a gente achava que ela não tinha programa), fez a volta por cima e já começa a se movimentar. E bem.

Veja o programa do 1.o Ciclo de Palestras que a AJU realizará em julho: **dia 6** — "A Economia nacional e os reflexos no município", pelo deputado estadual Alberto Goldman; **dia 8** — "Estudos ecológicos e a poluição dos rios", pelo professor Geraldo Barbieri, do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos; **dia 15** — "O homem e a cidade", pelo arquiteto Araken Martinho, professor da PUCC; **dia 22** — "Problemas atuais da educação", pelo professor Newton César Balzan, da UNICAMP e do Mestrado da PUC-SP; **dia 29** — "Problemas da cidade", pelo prefeito Pedro Fávaro.

As palestras serão sempre às 20 horas, no Salão Nobre do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa" (Rua Cândido Rodrigues, 301) **(E.M.)**



Morreu, dia 15 de junho, ao meio-dia, Ulysses Jorge Martinho, ex-carpinteiro, ex-ferroviário, ex-funcionário público municipal, desenhista, estudioso e praticante das teses maçônicas, cidadão correto. O fato precisava ser registrado neste jornal, do qual foi incentivador e colaborador. Alguém deveria fazer um registro. Menos eu, que o estou fazendo. Porque ele era meu tio. Porque ele era meu amigo. Porque eu o respeitava. Porque eu o amava. Ligações e sentimentos demais, a confudirem fatos, lembranças, omoções.

O que dizer do tio Ulysses? Que nasceu no dia tal, era viúvo, deixa filhos, netos e demais parentes? É pouco: bem ou mal, todo mundo nasce e morre e deixa testemunhas. Até mesmo quem não devia fazer nenhuma dessas coisas.

Contar as emoções que o seu convívio fez brotarem em mim? Seria particular demais, exibicionista demais, mórbido demais, já que fica difícil desfilar orgulho e dor na mesma passarela, diante do olhar geral — nem sempre só de amigos.

O melhor talvez seja registrar a frase mais ouvida durante o seu velório, suspirada da boca de velhos carpinteiros, ferroviários, funcionários públicos municipais, maçons e até dos parentes:

"Que pena, perdemos um grande companheiro".

Porque esse foi o dote que ele carregou, com humilde de quase angelical, durante os seus setenta e um anos de vida. E é com essa folha-corrida que ele partiu.

Para onde? Não sei. Sei apenas que as portas desse qualquer-lugar lhe foram abertas com a alegria de quem recebe um grande companheiro.

Erazê

FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE
Rosário, 618 Tel. 436-8460



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL
REVENDEDOR AUTÓRIZADO
COMERCIAL PANIZZA LTDA
BARÃO, 427 – TEL.436-8231

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

NAS BANCAS, "O BAGAÇO"

Está nas bancas do Rio de Janeiro um novo jornal, "O Bagaço", bimensal, editado pelos jornalistas Ives Stavele Tavares, Ronaldo Lapa, Narciso Lobo, Luiz Arnaldo, José Eurides, Paulo Fortes, Altair Thury e Fábio Júlio.

Muito bem diagramado, com ilustrações de Coentro e Trimano entre outros, "O Bagaço" n.o 1 traz uma excelente entrevista com Roberto Freire falando de psicoterapia e imprensa marginal.

Se você encontrar na banca, compre. Vale os 10 cruzeiros.

(E.M.)



LUÍS PEREIRA VAI VIRAR CAFÉ

Deu nos jornais: a partir de setembro será encontrada em toda a Espanha um nova marca de café, o "Café Luís Pereira". Comentário de um torcedor fanático:

– É, depois daquela atuação ridícula no jogo contra a Alemanha, o melhor que ele faz mesmo é "virar um pó"

(AF)





SANTA INVERSÃO

Dizem que o governo do Estado está pensando em decretar feriado, em São Paulo, nos dias em que a poluição do ar atingir índices alarmantes. Isso para evitar que, com o bloqueio do centro da cidade, ela sofra um colapso, num dia normal de trabalho. Tem muita gente querendo canonizar a inversão térmica. (S.V.)



AGORA, SIM.

Estudantes reunidos para falar em liberdades democráticas na universidade, não!

Povo reunido para falar de custo de vida, não! De senador indireto, também não! De direitos humanos, nunca!

Agora, divórcio sim! Afinal, a família brasileira está correndo perigo.

Ah, meu sapo! **(E.M.)**

COBRANÇA

Alguma notícia das **cruzetas**, aquele carnê milagroso que ia salvar o Paulista? Quanto foi arrecadado? dinheiro foi aplicado em quê, mesmo? (S.V.)

FALA, ROBERTO.

Um trechinho da entrevista de Roberto Freire para "O Bagaço" (veja a nota a respeito do jornal):

". . . eu acho que uma empresa jornalística que não pretenda ser ligada ao sistema de alguma forma, ela tem que nascer conhecendo a sua duração, ou seja, sabendo que vai acabar e que é bom que acabe. (. . .) O próprio sistema sabe a maneira sutil de fazer isso. Esse curto espaço, para mim, pode ser mais importante para a história do jornalismo desse país do que todo o tempo livre, fácil e tranquilo que o grande jornalismo dispõe". **(Pela transcrição, E.M.).**

SENALBA: O QUE SERÁ!

"Senalba" é o jornal do Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social, de Orientação e Formação Profissional do Estado de São Paulo.

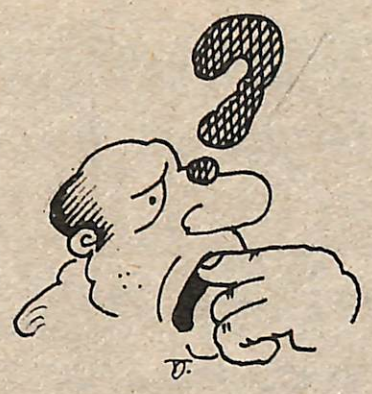
O n.o 58 do jornal de trabalhadores saiu com um editorial intitulado "Que será, que será!", inspirado na letra de Chico Buarque e descendo a ripa naqueles "que não querem ver a categoria prosperar, que tentam tirar o poder do Sindicato de defender e reivindicar, que pensam que é o patrão que deve mandar".

Na página central, "Senalba" traz um artigo sobre "Quem tem direito a férias", transcrito de uma publicação da Frente Nacional do Trabalho. **(E.M.)**

RESIDÊNCIA MODERNA NO JARDIM ANA MARIA

Contendo 1 suíte com armários embutidos e acarpetada, 2 dormitórios, banheiro, 2 livings, sala de almoço, cozinha e lavanderia com armários embutidos. Abrigo para 2 carros. Tratar pelo telefone 434-0551.

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 6-1541



QUE É ISSO?

Fiquei uns dias sem ler o Estadão. Outro dia abro e leio um título assim: "Uruguai adota o pêndulo". Aí viro umas páginas e encontro outro assim: "Empresário acha prematuro o uso de "roll- - on - roll - off". Aí desisti. (S.A.)

MOMENTO DE REFLEXÃO

Agora pergunto eu: o que é que a Espanha tem que nós não temos, hein? (V.L.)

É ISSO QUE DÁ

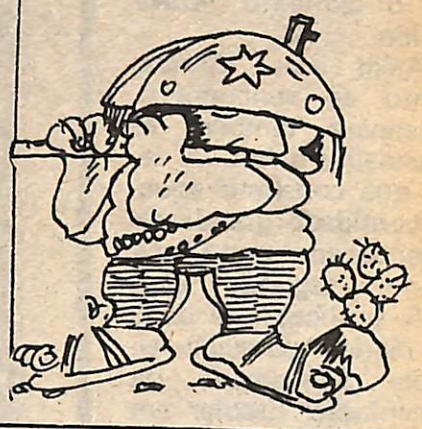
Está saindo nos jornais: "Atentados terroristas às vésperas das eleições espanholas". Tá vendo? É isso que dá esse negócio de eleição. (S.A.)

PRIMEIRÕES

Rosalynn Carter, ao desembarcar nos States de volta de sua viagem, disse a Jimmy:

"Todos te querem no Caribe e na América Latina".

Hei, Rosa, nós, os tupiniquins, pedimos primeiro. **(E.M.)**



JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 – tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

O MELHOR RODÍZIO A 80 KM POR HORA
RESTAURANTE VIDEIRA
VIA ANHANGUERA, KM 65

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/no. J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel 434-6398
434-6598 e 434-6798

TRÊS HISTÓRIAS DE MERENDA



AH
MABS

1- O caso da CEI que nasceu (e morreu) por defeito de algum ouvido.

A CEI criada pela Câmara Municipal para apurar irregularidades na Merenda Escolar de Jundiaí, deve ir parar nos arquivos eternos, envolta neste precioso parecer, de estranho gosto literário, obra do relator, Ary de Castro Nunes Filho:

"Temos aqui o que se acostuma (sic) dizer comumente um defeito de percepção auditiva que intelectiva (sic) na computação de análise dos fatos erroneamente trazidos ao edil, que talvez por excesso de zelo, tenha se precipitado, apontando um fato que ele naquele momento acreditava ser verdadeiro".

Isso quer dizer mais ou menos o seguinte: o vereador que fez a denúncia e o que pediu a criação da CEI estavam com problemas de ouvido e não entenderam direito. Não há nada de errado com a merenda, arquive-se e esqueça-se.

O que aconteceu, segundo relato dos envolvidos, é mais ou menos o seguinte: José Rivelli ouviu dizer que estavam cobrando a merenda escolar dos pais dos alunos na Escola Parque do Vianelo. E comentou isso numa sessão da Câmara. Assim como quem não quer nada, Élio Zillo estava passando por perto, ouviu qualquer coisa no ar e não perdeu tempo. Na sessão seguinte, apresentou um projeto criando uma CEI para investigar o caso da merenda escolar. E como ele era líder da Arena, o pedido foi aprovado.

"Tudo não passou de precipitação de Élio Zillo", diz José Rivelli. "Inclusive eu pedi a ele que retirasse o projeto de formação da CEI para que, antes, fosse mandado um requerimento à direção da escola pedindo informações".

E Rivelli diz mais. Diz que Zillo provocou tudo isso porque "era época de campanha eleitoral, e certamente ele tinha o interesse político de jogar a escola contra mim. Ou quem sabe ele não teria algum problema com a diretora da escola?"

Mas como foi que nasceu a denúncia, que o próprio Rivelli cochichou numa sessão da Câmara, e na qual Zillo se baseou para pedir a CEI?

Um mal entendido: mães de alunos foram se queixar com Rivelli que a escola estava cobrando a merenda. Rivelli pediu: "façam um abaixo-assinado que eu levo à Câmara. "Elas fizeram. Depois, apareceu outro abaixo-assinado, de 39 mães, dizendo que não, que a escola não estava cobrando a merenda. Acontece que elas estavam confundindo a taxa de comissão de Pais e Mestres com a taxa da merenda.

Como parece que todo mundo estava interessado em aproveitar-se politicamente da ira das 39 senhoras, armou-se essa confusão toda, que agora deve ser enterrada, na sessão do próximo dia 22, com aquele exótico parecer que poderia ser acompanhado de uma sentença mais lapidar ainda: "Aqui jaz uma CEI que nasceu de um defeito auditivo". Ou morreu de politicagem?

2- O caso da comida que estava mas não estava vencida

Há pouco tempo atrás houve ainda outra denúncia de uma professora, relatada por este jornal (n.o 100), com relação à merenda escolar. A notícia colocava as dúvidas em que se encontravam algumas merendeiras, ao receberem alimentos em cujas embalagens constavam, ao mesmo tempo, duas observações: cozer e servir logo após o preparo (usar urgente até 23/5/77) e outra, onde verificava-se que o alimento estava vencido.

Além das dúvidas quanto ao vencimento, preocupava também as merendeiras o fato de terem que consumir aquela quantidade grande de alimentos em tempo insuficiente, segundo elas.

A explicação é dada por Maria Aparecida Almeida, Supervisora da Alimentação Escolar em Jundiaí: "quando eu assumi esse cargo, já haviam alimentos estocados com datas vencidas".

Segundo ela, assim que verificou-se o erro, foi imediatamente comunicado ao Departamento de Alimentação Escolar em São Paulo, que enviou coordenadoras para levar amostras de cada gênero estocado.

Veio, após algum tempo, a análise bromatológica do Instituto Adolpho Lutz, especificando que o alimento tinha ainda condições de uso.

Conforme as explicações de Maria Aparecida, ocorreu que as merendeiras acharam o estoque demasiadamente grande. "Mas não", diz Maria Aparecida, "isso já está especificado quando se distribuem as quantias por cabeça. Além disso, aconteceu que as merendeiras não sabiam em quanto tempo teriam que usar o estoque. Elas não foram preparadas para usá-lo".

Prosseguindo ela diz que depois de dadas as orientações às merendeiras e agora, com o estoque terminado, a situação se normalizou.

O único problema, segundo Maria Aparecida, foi que com a demora do exame bromatológico, Jundiaí perdeu a primeira cota anual. Mas no início de maio recebeu-se a segunda cota que juntada aos novos alimentos adquiridos pela prefeitura regularizaram a distribuição da merenda.

3- O caso das crianças que não têm outra coisa para comer

A merenda escolar, instituída em Jundiaí em 1970, é uma complementação alimentar das crianças, obrigatória nos quatro primeiros anos de escolarização, devendo ainda ser estendida às crianças mais carentes de alimentação do restante do 1.o grau.

Embora sendo considerada um complemento, é sabido e mesmo a supervisora Maria Aparecida admite, que em determinados bairros, para muitas crianças, a merenda é a própria refeição.

"Quando eu chego na escola de manhã, vêm muitas crianças que chegam a dizem — eu tô morrendo de dor de cabeça. O que eu faço? Dou Melhoral? Não, merenda. É fome mesmo. Muitas crianças vêm completamente em jejum, não têm nada em suas casas", fala a merendeira Maria de Lourdes Schurman, da escola Francisco Napoleão Maia da Vila Rio Branco.

Considerando que essas crianças do 1.o ao 4.o ano, a quem é fornecida a merenda, pertencem às mesmas famílias do bairro que possuem outros filhos frequentando os demais períodos, seria evidente a necessidade de ampliação no atingimento da merenda.

A necessidade parece ser confirmada quando se questiona alguns alunos da 4a. à 8a.. série, sobre se gostariam ou não de receber merenda, e eles falam empolgadamente: "claro que a gente queria"; "a gente sabe que tem gente sem comida em casa"; "macarrão prá todo mundo" e coisas desse tipo. Para Maria Aparecida "essa é uma coisa que nós não podemos resolver".

Quanto ao que é servido nas escolas, ela acha que é o suficiente, tendo em vista o alto valor nutritivo dos alimentos e sendo que estes podem ser repetidos à vontade pelos alunos servidos. Além do mais, diz ela, as merendeiras não teriam tempo de preparar mais alimentos para servir num mesmo dia, pois existem escolas com mais de mil alunos e uma só merendeira.

Ela acha que Jundiaí, em comparação com outras cidades tem uma "situação privilegiada". "Jundiaí é o único município que tem merendeira em escola isolada. Em outros lugares ou é a professora quem faz ou a merenda é feita em cozinhas experimentais e levada pronta para as escolas em latões super anti-higiênicos".

O cardápio da merenda tem as seguintes variações (um dia doce, outro salgado): pão com doce e leite ou groselha, sopa de feijão; ou arroz ou macarrão; risoto (arroz com molho de tomate macarronada com molho de tomate); arroz doce; leite com farinha láctea; mingau com sabor coco (sabor artificial); groselha com leite.